

Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV, sobre o Dia do Trabalho

1º de maio de 2013

Queridas trabalhadoras e queridos trabalhadores,

O Brasil passou a ser mais Brasil quando o brado por mais emprego, mais salário e mais comida deixou de ser um grito solitário dos trabalhadores para ser a voz e o compromisso de toda uma nação. É por isso que nós, brasileiras e brasileiros, estamos tendo, nos últimos anos, a alegria de comemorar o 1º de Maio com recordes sucessivos no emprego, na valorização do salário e nas conquistas sociais dos trabalhadores.

Neste 1º de Maio, o Brasil pode garantir outra vez a vocês que nada ameaça estas conquistas. Ao contrário, elas vão se ampliar ainda mais, beneficiando a todos vocês, sem exceção. O Brasil vai continuar usando instrumentos eficazes para ampliar o emprego, o salário e o poder de compra do trabalhador.

Mas, a partir de agora, vai privilegiar como nunca o instrumento que mais amplia o emprego e o salário: a educação. Para isso, várias medidas estão sendo executadas e outras estão em discussão. A mais decisiva delas é a que determina que todos os *royalties*, participações especiais do petróleo e recursos do pré-sal sejam usados, exclusivamente, na educação. Anuncio hoje a vocês que enviei ao Congresso Nacional uma nova proposta para que isso possa virar realidade.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil avançou muito nos últimos anos por causa de políticas econômicas corretas e de políticas sociais profundas. Hoje, há um reconhecimento internacional de que temos as políticas sociais mais amplas e modernas do mundo. Isso nos orgulha e nos estimula. Mas há um ponto que tem passado despercebido: o fato do emprego e do salário terem se tornado os dois maiores fatores de diminuição da desigualdade. Mesmo com a importância dos programas sociais, foi a renda do trabalho que mais contribuiu na diminuição da desigualdade.

Com os programas de transferência de renda, já tiramos 36 milhões de brasileiros da miséria. Mas são o emprego e o salário que estão impedindo que essas pessoas voltem para a pobreza, e também aceleram a ascensão social de milhões de outros brasileiros. Foi assim que 40 milhões de brasileiros foram para a classe média. Isso se deu por causa da valorização do salário-mínimo, do recorde na geração de emprego com carteira assinada e do ganho real em todas as faixas salariais.

O Brasil gerou, nos últimos dez anos, 19 milhões e 300 mil empregos com carteira assinada, e o salário-mínimo cresceu mais de 70% em termos reais. Somente nos dois anos do meu governo foram criados 3 milhões e 900 mil novos empregos. Segundo o Fundo Monetário Internacional, o FMI, isso nos colocou numa situação privilegiada no mundo: fomos o país que mais reduziu o desemprego entre 2008 e 2012, ou seja, reduzimos em 30% a taxa de desemprego. Por sinal, em 2012 enquanto lá fora cresciam o desemprego e as perdas salariais, aqui ocorria exatamente o contrário.

Tivemos o menor índice de desemprego da história e, segundo o Dieese, o melhor ano de reajustes, com 95% das categorias conquistando aumento real de salário. Não houve

apenas aumento, mas também melhoria na qualidade do emprego: cresceram os níveis de escolaridade dos empregados e ampliou-se a formalização do emprego. Ao mesmo tempo, diminuiu a taxa de desemprego entre os jovens e aumentou o emprego entre os mais maduros. E, em termos gerais, ocorreu uma queda acentuada no tempo de procura por trabalho. Levando-se em conta a renda das pessoas, tem ocorrido também uma redução da desigualdade entre homens e mulheres, entre brancos e negros, e entre as áreas urbanas e rurais. Os brasileiros estão se tornando mais iguais.

Os direitos trabalhistas avançam e as dívidas sociais históricas estão sendo resgatadas, como ocorreu recentemente com a aprovação da PEC que estende os direitos previstos na CLT aos trabalhadores domésticos.

Tudo isso ocorre porque o Brasil tem uma política eficiente de emprego e salário, porque o país dialoga com o trabalhador e os sindicatos e respeita os direitos trabalhistas. Inclusive, devido a este diálogo, os trabalhadores, entre outras vantagens, obtiveram a isenção do Imposto de Renda na participação dos lucros e resultados.

O mais importante é que os efeitos da renda do trabalho e das políticas sociais reduziram pela metade o risco das pessoas ficarem mais pobres, e praticamente dobraram a possibilidade das pessoas melhorarem de vida.

Estes fatores têm garantido a diminuição das desigualdades e inibido, entre nós, os efeitos da prolongada crise financeira que ainda atinge o mundo.

Trabalhadoras e trabalhadores, acreditem apaixonadamente no Brasil e na força do trabalho de cada um de vocês. Não tenham dúvida de que o Brasil, com a força de vocês, pode e vai crescer mais, garantindo o emprego de hoje e o de amanhã.

Vamos seguir na rota de crescimento com estabilidade, distribuição de renda e diminuição das desigualdades. Este governo vai continuar sua luta firme pela redução de impostos e pela diminuição dos custos para o produtor e consumidor, mesmo que tenha que enfrentar interesses poderosos.

É mais do que óbvio que um governo que age assim e uma presidenta que pensa desta maneira não vão descuidar nunca do controle da inflação. Esta é uma luta constante, imutável, permanente. Não abandonaremos jamais os pilares da nossa política econômica, que têm por base o crescimento sustentado e a estabilidade. E não abriremos mão jamais dos pilares fundamentais do nosso modelo: a distribuição de renda e a diminuição da desigualdade no Brasil.

Minhas amigas e meus amigos,

Só uma educação de qualidade pode garantir mais avanço para o emprego e para o salário. Nos últimos anos, ampliamos o acesso e melhoramos a qualidade do ensino. Já estamos com 32 mil escolas funcionando em tempo integral, ou seja, em dois turnos.

Tivemos o maior avanço da história do Brasil nos cursos técnicos e de qualificação profissional. Geramos, com o Pronatec, mais de 3 milhões de novas vagas e vamos chegar, até o final de 2013, a quase 5 milhões de matrículas.

Mais de 1 milhão e 200 mil jovens já receberam bolsas do ProUni, 870 mil estudantes estão sendo beneficiados pelo financiamento do Fies e 41 mil estudantes brasileiros já tiveram bolsas aprovadas para estudar nas melhores universidades do mundo no Programa Ciência sem Fronteiras.

E tudo isso está sendo acompanhado pela expansão das universidades federais, que já oferecem mais de 1 milhão de matrículas. A partir deste ano, de forma crescente, vamos garantir, através da nossa política de cotas, que metade das vagas de todos os cursos das nossas universidades federais seja ocupada por alunos das escolas públicas.

Tudo isso é muito bom, mas ainda é pouco. O Brasil precisa de uma grande revolução no ensino capaz de garantir o nosso futuro como nação líder e soberana no mundo. Vamos, principalmente, formar os jovens, as trabalhadoras e os trabalhadores brasileiros para que possamos triunfar num mundo cada vez mais desenvolvido e altamente competitivo.

A educação deve ser uma ação permanente em todos os instantes da vida de uma pessoa. Ela começa na creche, passa pela escola de tempo integral, pelo ensino médio, pela qualificação profissional, pela universidade, o mestrado, o doutorado e tem que prosseguir, de forma ininterrupta, até o fim da vida.

O papel do Estado é criar condições para isso, em especial, abrindo portas para os que mais precisam. Mas um governo só pode cumprir bem o seu papel se tiver vontade política e se contar com verba suficiente.

Por isso, é importante que o Congresso Nacional aprove nossa proposta de destinar os recursos do petróleo para a educação. Peço a vocês que incentivem o seu deputado e o seu senador para que eles apoiem esta iniciativa.

Para encerrar, faço um chamamento decisivo a você, trabalhador, e a você, trabalhadora: a educação não é apenas um dever do Estado e um direito do cidadão. É também tarefa da família e responsabilidade de todos, sem exceção. A educação começa com você. Todos têm que procurar a educação por seu próprio desejo, e lutar pela educação com sua própria força. Somente sua força de vontade vai fazer você descobrir tempo e meios para educar-se. Somente sua atenção como pai, como mãe vai estimular seu filho na escola. Somente sua dedicação de mestre fará você, professor, superar as dificuldades que enfrenta. Somente a pressão de todos vai fazer os governos, as empresas, as igrejas, os sindicatos, em suma, toda a sociedade trabalharem ainda mais pela educação.

Somente assim poderemos gritar, em uma só voz, uma nova marca de fé e amor para nosso país. Poderemos gritar, do fundo do nosso coração: Brasil, pátria educadora!

Viva o Brasil! Viva a trabalhadora! Viva o trabalhador brasileiro!

Obrigada e boa noite.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura oficial da 79ª
Exposição Internacional de Gado Zebu - Expozebu 2013
Uberaba-MG, 03 de maio de 2013**

Eu queria iniciar agradecendo a ABCZ pelo certificado de associada remida que eu recebi, nº 20.000.

Queria agradecer, apesar de eu não ter nenhum boi, mas nunca é tarde para começar. Estou vendo aqui o senhor Mário Abdo, que foi presidente da Aneel, e agora é um criador de gado. Então, eu tenho a quem copiar.

Queria cumprimentar o nosso governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia que nos presenteou com essas palavras tão sábias e bem ditas.

Queria cumprimentar o Eduardo Biagi, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Zebu, ABCZ. E por intermédio dele eu cumprimento todos os integrantes da diretoria a ABCZ e os empresários e empresárias – não é, Kátia Abreu? – aqui presentes.

Queria cumprimentar os senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo, dirigindo uma saudação especial à embaixadora do México.

Queria cumprimentar o prefeito de Uberaba, um grande parceiro, Paulo Piau.

Desejar ao nosso rei - aquele que nos alegrou em todos os campeonatos que ganhamos, que nos alegrou também fora dos campeonatos, que deu a nós todos um exemplo de determinação, seriedade, compromisso com o país – ao nosso rei Pelé.

Queria também cumprimentar um grande jogador, o Djalma Santos – quem é que não se encantou ao ver Djalma Santos jogar e, sobretudo, ao ver os dois jogarem.

Queria cumprimentar os ministros de estado: Antonio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; o ministro Aldo Rebelo, do Esporte; o ministro Aloizio Mercadante, da Educação.

Cumprimentar o vice-governador Alberto Pinto Coelho.

O Deputado Diniz Pinheiro, presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Cumprimentar o Anderson Adauto, ex-ministro dos Transportes e ex-prefeito de Uberaba.

Dirigir um cumprimento ao senador Aécio Neves.

E queria cumprimentar a minha amiga Kátia Abreu, senadora e presidente da CNA.

Cumprimentar os senhores deputados federais aqui presentes.

Cumprimentar Maurício Antônio Lopes, um funcionário, um agrônomo, um dos grandes presidentes da Embrapa.

Cumprimentar o senhor Eliseu Roberto de Andrade Alves, um grande presidente da Embrapa também. E hoje agraciado com a comenda do Mérito ABCZ 2013 na categoria nacional. Por intermédio dele eu cumprimento cada um dos ganhadores desta comenda.

Queria cumprimentar também o senhor Adeildo Vasconcelos, que hoje recebeu o certificado de conclusão do Agrocursos em Nutrição Animal.

Queria cumprimentar também um grande amigo, senhor Gilberto Vasconcelos, e por intermédio dele cumprimento todos os meus amigos aqui presentes.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Para mim é com grande satisfação que eu venho mais uma vez aqui na abertura da ABCZ nessa Uberaba, capital brasileira do zebu. Eu lembro que eu estive aqui em 2010, naquele momento eu fui muito bem recebida pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. E eu tenho certeza que mais uma vez nós veremos aqui um grande sucesso do empenho, do esforço e da capacidade de iniciativa do povo brasileiro.

Hoje, eu retorno como Presidenta da República para visitar e, sobretudo, para reconhecer, prestigiar e homenagear essa que é uma das maiores feiras de raças zebuínas do planeta. Um evento que é fundamental tanto para a pecuária brasileira quanto para o Brasil, quanto para o fato de que a questão do controle, a questão da produção e a questão da comercialização, tanto interna como externa de proteínas animais será um dos grandes desafios do século XXI.

Por isso, desde a primeira Expozebu, que aconteceu aqui e a mim me comoveu muito, mas, sobretudo, me deu a seguinte constatação: é difícil os empreendimentos humanos, principalmente aqueles que são coletivos, terem uma duração longa. Nós ainda

estamos numa fase da nossa organização humana em que, geralmente, poucas instituições têm uma durabilidade, poucas instituições têm uma durabilidade, uma longevidade como a que tem essa Expozebu.

Por isso, nestas quase oito décadas, eu acredito que nós devemos fazer um reconhecimento à intuição mineira. A intuição mineira que levou, primeiro, os criadores do Triângulo a buscar uma raça que pudesse se adaptar ao Brasil e à nossa região e ao nosso clima – no final, eu acho, do século XIX, que isso ocorreu – e naquele momento aconteceu um evento que vai marcar a história da pecuária brasileira. E esse evento é justamente a entrada do zebu nas nossas fronteiras aqui no Brasil. Foi uma aposta certa, fruto de ousadia como todas as apostas certas que se fazem, fruto da ousadia mais um trabalho persistente, com muito empenho, não se deixou ao acaso, foi fruto de tentativas, foi fruto de, inclusive, erros com os quais se aprendeu.

Pois, hoje, 80% das raças brasileiras são originárias dessa iniciativa pioneira. Esta foi uma parceria construída ao longo de oito décadas, de quase oito décadas, uma parceria muito bem sucedida entre o setor privado e o setor público. E nós devemos aprender com ela e perceber que um país como o nosso cada vez mais vai precisar de parcerias bem sucedidas entre o setor privado e o setor público.

Esta parceria que tem na Embrapa, que tem na Embrapa uma ponta, e na outra ponta os produtores mineiros, brasileiros que tiveram a iniciativa de criar e produzir conhecimento e tecnologia melhorando a raça nessa melhoria genética sistemática que se verificou ao longo dos anos e que hoje, quando os principais exemplares aqui desfilam, chama a atenção até de pessoas que não conhecem uma raça zebuína, mas percebem a força e a beleza quando a vêem, que é o meu caso. Eu não sou uma especialista em zebu, mas é de fato uma demonstração de força o que nós vimos passar aqui, em matéria de rebanho zebuino.

Eu acredito também que foi graças a essa parceria bem-sucedida que Uberaba se tornou o centro da produção de gado zebu do Brasil. E hoje nós estamos diante de um desafio cada vez maior, porque todas as pesquisas genéticas evoluíram, e nós podemos adotá-las de forma cada vez mais significativa.

E aqui eu queria lembrar uma pessoa que, apesar de não ter nascido aqui em Uberaba é um uberabense de coração, e sempre que acontece a Expozebu ele nos contempla com a sua força, com a sua alegria, que é o Jonas Barcellos. E eu queria dizer a vocês que, da última vez que eu cá estive, eu visitei o laboratório de pesquisa genética que é fruto de uma parceria, também, entre o Jonas Barcellos e a Embrapa, e fiquei impressionada com o que se conquista, em matéria de produção, de produtividade, de especialização genética para produção de gado leiteiro, de gado de corte e melhoria da qualidade das carnes produzidas.

E tenho certeza que aqui, aqui em Uberaba, tem um centro que ainda vai dar muito boas notícias ao país. Muito boas notícias porque ele acompanha o avanço da fronteira do conhecimento científico e tecnológico nesta área. E isso é muito importante porque contribui para não só a produção de melhor qualidade para o mercado interno, mas para a nossa qualidade de produção, o que significa também melhoria da nossa competitividade, melhora do nosso Produto Interno Bruto, e assim em várias outras... em outros setores.

Eu acredito que isso que eu vi hoje, aqui neste desfile, foi um pequeno desfile, mas salta aos olhos, que são produtos melhorados de um determinado rebanho, de uma determinada raça. Quando a tecnologia salta aos olhos, ela se torna visível, é porque chegou a um ponto de elaboração bastante sofisticado e disseminado.

Por isso eu queria dizer também que eu tenho confiança de que nós estamos no caminho certo. E isso eu quero dizer para vocês, agora, olhando para o Plano Safra da Agricultura e da Pecuária, que agora, por volta do final do mês de maio nós iremos, mais uma vez, plantar. E acredito que a cada plano nós temos de introduzir melhorias. Primeiro, porque nos interessa muito o diálogo e a construção desse plano, dentro de um diálogo com os setores que são aqueles responsáveis pela representação da agricultura e da pecuária. Me refiro à Confederação Nacional da Agricultura, me refiro também a todos os agricultores familiares com os quais nós dialogamos, no caso, com a Contag.

Mas, voltando à questão desse Plano Agrícola e Pecuário que nós iremos lançar, eu acredito que ele terá características desse outro que ainda está em vigência, que é: nós vamos estar preocupados com ampliar recursos, reduzir custos, simplificar procedimentos, construir linhas de financiamento mais adequadas. Vamos estar também preocupados com outras questões que não constaram dele e que são questões estratégicas, que vão ampliar a segurança do produtor, mas vão abrir também novas fronteiras para nós e vão nos permitir dar novos saltos.

Eu me refiro também a políticas que nós começamos e que temos que continuar desenvolvendo, por exemplo, política de preço mínimo e de seguro rural. O Brasil terá, cada vez mais, o empenho nesta questão do seguro rural, porque sabemos que tanto a agricultura como a pecuária tem uma grande incidência sobre as questões ligadas ao clima. Daí porque essa questão do seguro é estratégica.

Mas eu queria dizer que nós também temos muito interesse numa questão: nós queremos que o Brasil continue tendo pesquisa de fronteira na área genética. Nós queremos e estamos já, já introduzimos, no Plano de Ciência, Tecnologia e Inovação algo que não se fazia antes, que era uma linha ligada basicamente à questão agrícola.

Mas, além disso, neste Plano Safra terá também um componente ligado à questão da melhoria, por exemplo, genética, dos rebanhos. Nós queremos que o Brasil trabalhe com esse instrumento numa mão. E aí, quando eu falo Brasil estou falando nos criadores e nos produtores.

Além disso, no caso da produção pecuária, algumas ações que nós já estamos apresentando merecem destaque. A linha de financiamento para aquisição de matrizes e reprodutores bovinos e bubalinos. Nos previmos, no atual Plano Safra, uma linha que teve juros bastante, eu diria, adequados, em torno de 5,5% ao ano, uma taxa aproximadamente zero de juros. Nesse próximo plano, nós vamos continuar explorando essa linha de financiamento, pois nós queremos melhorar cada vez mais o rebanho com melhores matrizes. E isso é um dos requisitos para o aumento da produção e da produtividade de nossos rebanhos.

Outra preocupação nossa, e que a gente expressou nesse último plano safra, é o problema da recuperação de pastagens. Nós sabemos, e eu acho que foi o Biagi que disse aqui, todos nós sabemos que tem 30 milhões de hectares de pastagens degradadas, e para nós é importantíssimo reverter esse quadro, para o Brasil, para o

meio ambiente e para a produtividade brasileira. Isso significa que nós vamos dar cada vez mais importância, nessa área, ao Programa ABC, que é o Programa de Agricultura de Baixo Carbono, que é um dos nossos instrumentos para enfrentar os desafios. E eu queria... O desafio das pastagens degradadas.

E eu queria também dizer que, para mim, foi um momento auspicioso quando eu constatei que os produtores mineiros eram os que mais tinham usado o crédito do Programa ABC, o que mostra uma grande sensibilidade para essa recuperação. Minas Gerais e seus produtores são responsáveis pela maior produção de leite do país, e também por uma das maiores produções de carne. E nós sabemos que a recuperação de pastagem pode ensejar não só uma melhoria na qualidade do rebanho, mas também uma recuperação para uso, e não necessariamente na pecuária, mas também para uso na agricultura.

Eu quero também destacar que eu sancionei, dia 29 de abril, a lei que criou a Política Nacional de Integração Lavoura-Pastagem-Floresta. E nós iremos ampliar todas as práticas de conservação e de adequação do solo ligadas a um aumento de produtividade. Não é um fim em si, nenhuma dessas práticas. Elas têm como objetivo garantir que o país possa produzir a maior quantidade possível, com a melhor tecnologia possível, com o menor custo possível e com o menor impacto ambiental possível. Esta é uma diferença do Brasil: nós podemos e estamos fazendo. O que demonstra que é possível continuar fazendo cada vez mais e cada vez de forma melhor.

Neste mês, então, de maio, entre o final e o início de junho, quando nós lançarmos o nosso Programa Safra da Agricultura e da Pecuária, duas outras questões vão estar na pauta. Uma delas é a questão da assistência técnica e extensão rural. Assistência técnica e extensão rural, ela consiste em levar avanços tecnológicos para os produtores que não têm acesso a eles, principalmente médios e pequenos.

A Embrapa, ela é um centro de pesquisa. A Embrapa, ela não é um centro de extensão rural. Ela é um centro de pesquisa, ela é um centro de políticas de pesquisa, ela divulga, mas ela não tem uma estrutura para assistência técnica e extensão rural. Por isso, nós iremos criar a Agência de Extensão Rural, porque nós sabemos que nós iremos mudar a produtividade do Brasil, a produtividade da pecuária e da agricultura brasileira, se fizermos assistência técnica e extensão rural – e aí eu vou usar uma palavra um pouco forte –, de forma obsessiva. Nós temos de fazer assistência técnica e extensão rural de forma obsessiva.

Isso significa fazer com que nós estejamos trabalhando no limite da nossa capacidade, e nós podemos trabalhar no limite da nossa capacidade, porque tem vários produtores, tem vários pecuaristas que atingiram um ponto limite, eles precisam avançar mais, mas nós precisamos estender para os demais essa atividade.

Isso acontece também em todas as atividades, na indústria também acontece. As grandes empresas atingem primeiro grandes patamares e depois os divulgam. Mas acontece que, hoje, também há uma inversão, muitas vezes, pequenas empresas altamente tecnológicas conseguem avanços e depois as grandes empresas vão utilizar de forma comercial. É para essa integração que nos interessa a assistência técnica e a extensão rural.

Outra questão para nós muito importante diz respeito à armazenagem, no caso geral do país. Nós temos de atuar em armazenagem porque o país precisa de uma infraestrutura

logística, e logística tanto é a construção de estradas e portos, e eu queria mais uma vez reiterar a importância da medida provisória dos Portos, que está em processo de votação no Congresso. O governo federal, esta presidenta, considera que a questão da medida provisória dos Portos é crucial para a competitividade do país diante do resto do mundo. Nós temos certeza que o Congresso brasileiro será sensível, mais uma vez, como vem sendo, aliás, e irá assegurar que o país tenha um marco regulatório que abre os portos do Brasil mais uma vez, desta vez ao setor privado, garantindo e assegurando infraestrutura portuária para viabilizar a exportação no nosso país.

Eu queria dizer, também, que eu considero muito importante, que é a questão de construir um Conselho. Eu recebi várias sugestões e eu acredito que uma das melhores práticas que o governo federal pode ter é dialogar. Eu escutei várias sugestões, acho que é muito importante para a cadeia da pecuária nós construirmos o Conselho, o chamado... Eu não vou chamar ele de Conzebu, eu vou chamar ele de Conbov, porque poderíamos chamar de Conzebu mas tiraríamos uma parte dos criadores de raças europeias e isso não é o nosso interesse, pelo contrário é trazer todos. Eu acho que seria muito importante construir o conselho, o chamado Conbov. O Conbov, o conselho do setor bovino eu acho que ele é um conselho de cadeia, ele tem por objetivo articular os problemas da cadeia e através do diálogo com todos os agentes resolver os conflitos, que é o que se faz sempre e que resulta em avanços. A experiência demonstra que sempre que se olham as diferenças e que se tenta construir uma aproximação, o resultado é o melhor possível.

E eu acho que nós temos que dar alguns passos nessa área, nós temos que avançar. Eu, muitas vezes, como vocês sabem, falo com outros países e na minha pauta tem a exportação de carne bovina, de carne suína, enfim, de carnes em geral. E eu acredito que nós temos um amplíssimo mercado, mas nós temos que ter um cuidado e também eu vou dar uma atenção especial no Plano Safra da Agricultura e da Pecuária às questões relativas às questões sanitárias e acho que nós temos de avançar no sentido, por exemplo, da tipificação de carcaças. Por que? Sem isso... o que acontece é que no conflito, quando está em conflito, nós temos algum conflito internacional, nós perdemos argumentos. Nós não só perdemos argumentos como muitas vezes corremos o risco de perder a razão, o que é mais grave. Porque perder argumento você resolve; agora quando a gente perde a razão a gente fica em uma situação muito difícil para empreender o diálogo.

Então é essa a sugestão que eu deixo aqui, acredito que seria uma das melhores coisas que poderíamos fazer, que não é algo que se imponha, é um processo que se constrói. Não é um caminho que a gente sai de um ponto de resolução, nós saímos de um ponto de discussão, que temos que ter sensibilidade para uma das coisas a qual a gente não pode fingir que não ouviu, que é a realidade. Nós temos que contemplar a realidade diferenciada de todos os produtores brasileiros e construir um padrão e uma evolução para esse padrão. É nesse sentido e não no sentido de uma imposição que eu acho que deve se construir esse conselho.

E eu queria também interferir um pouco nessa questão das doenças, porque eu acredito que essa é algo que nós temos que dar absoluta prioridade, a questão sanitária, sem a qual nós não ampliamos a nossa produção para exportação.

Eu queria também dirigir a minha palavra para o nosso companheiro Piau, prefeito de Uberaba. Aproveitar que estou aqui e dizer que nós temos todo o interesse, Piau, em estabelecer uma parceria cada vez mais intensa com você, como já vínhamos fazendo antes com Uberaba. E esse compromisso de parceria, ele começa pelo aeroporto, eu queria citar algumas coisas, pelo aeroporto de Uberaba. Nós estamos fazendo um processo muito importante, na área de aeroportos, que é interiorizar os aeroportos de um país que é continental, que tem grandes extensões, e que precisa de um transporte aéreo para se conectar efetivamente.

Então, nós iremos fazer uma expansão geral em 280 aeroportos no Brasil. Isso está a cargo do ministério que se chama Secretaria de Aviação Civil, junto com o Banco do Brasil, que é o agente financeiro para essa atuação, o agente financeiro que nos ajuda também tecnicamente na contratação de engenheiros, na formulação dos projetos e na avaliação, num horizonte de 10 anos, das condições dos aeroportos. Nós iremos ampliá-los, equipá-los, garantir uma estrutura mínima de pátio, pista e terminal. E vamos construir um processo com vocês.

Além disso, nós queremos incentivar a aviação para os pontos, as cidades médias do nosso Brasil afora. Daí porque nós criamos uma estrutura de subsídio, que vai assegurar um fluxo de passageiros. Porque um morador aqui de Uberaba, ele vai poder acessar a uma viagem de avião a um preço mais ou menos equivalente a uma viagem de ônibus. Em algumas cidades isso ocorrerá, no Brasil, e nós iremos fazer, também, primeiro começaremos com 280 e, depois, continuaremos. Então, para nós, é muito importante essas linhas regulares de avião para Uberaba.

Eu queria só lançar mais duas questões. Nós estamos, de fato, avaliando o anel rodoviário. Nós iremos fazer o anel rodoviário, sim, como obra pública. Nós não fazemos concessão porque cobra pedágio a concessão em área urbana, porque você não pode cobrar pedágio de moradores na sua própria cidade. Então iremos fazer como obra pública. Além disso, vocês aprovaram dois projetos em mobilidade, vocês aprovaram o BRT sudeste e o BRT sudoeste. Também isso vai ser, eu acredito, muito importante, já está aprovado, já está em processo de execução.

Agora, eu queria destacar a fábrica de amônia. Acho que Minas Gerais tem direito, mais do que direito. A localização de uma fábrica de amônia em Minas Gerais é algo estratégico. Eu vinha falando com o governador Anastasia que, na nossa avaliação, na avaliação do Ministério de Minas e Energia, da ANP e da própria Petrobras, um dos estados com maior potencial de se achar gás convencional e não convencional em terra, *onshore*, é Minas Gerais. Daí porque esse gasoduto, que é um gasoduto para fazer essa fábrica de amônia, ele tem a possibilidade de ser o primeiro momento de uma história, que eu acho que é uma história da produção de gás em terra no Brasil de forma muito significativa. Todos os dados apontam para isso e esse processo que vai ocorrer, esse ano ainda, de concessão na área do gás vai deixar isso cada vez mais claro, porque serão as áreas que serão indicadas como áreas estratégicas para licitação na área de petróleo e gás. Daí porque a fábrica de amônia, e o seu gasoduto, será um passo para essa, eu diria assim, mudança ou transformação aqui no estado porque, além disso, será um estado não só exportador de zebus, de carnes, mas também será um estado que eu acredito que exportará para o Brasil o seu gás. Esses são alguns exemplos de políticas

que nós estamos implementando aqui. Não é o momento para eu fazer uma avaliação integral do que nós fazemos aqui em Uberaba, mas eu queria encerrar lembrando que quando eu estive aqui, em 2010, eu vim com o nosso vice-presidente, o mineiro José Alencar, e naquela época, eu não sei se vocês lembram, ele acabou o discurso dele de uma forma que eu vou pedir aos senhores para acabar o meu. O Zé Alencar, de forma muito mineira e brasileira, disse o seguinte: “não há nenhum país, não há nenhum Estado do mundo que possua água, solo, Embrapa e ABCZ”.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse do Presidente e Diretores da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo e da Associação Comercial de São Paulo São Paulo-SP, 06 de maio de 2013

Bom dia a todos ou já é boa tarde. Boa tarde a todos.

Eu queria iniciar cumprimentando o meu vice-presidente da República, Michel Temer, uma figura desse extraordinário estado de São Paulo. E fica claro que todo mundo aqui – como disse o Alckmin para mim baixinho – é primo.

Eu queria também cumprimentar um grande parceiro, o governador Geraldo Alckmin, governador de São Paulo com quem o governo federal tem desenvolvido atividades muito importantes para a população.

Queria cumprimentar o presidente da Federação das Associações Comerciais do estado, o senhor Rogério Amato. E ao cumprimentar o Rogério Amato eu cumprimento todos os ex-presidentes da Associação Comercial de São Paulo e da Federação das Associações Comerciais de São Paulo. E, sobretudo, eu cumprimento a cada um dos empossados hoje.

Queria cumprimentar também a mãe, senhora Rogéria Amato e a esposa, senhora Glória Moreira Sales. E constatar mais uma vez que as mulheres, elas têm um papel social dentro da família que é quase uma entidade privada. Mas hoje além de cuidar da família as mulheres têm cada vez mais, também, se transformado em empresárias. E aí eu queria cumprimentar todas as empreendedoras mulheres aqui presentes.

Cumprimentar os ministros de estado que me acompanham: Aloizio Mercadante, da Educação; Alessandro Teixeira, interino do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e a ministra da Comunicação Social, Helena Chagas.

Queria cumprimentar o senhor vice-governador de São Paulo, Guilherme Afif Domingos e a senhora Silvia Domingos.

Queria cumprimentar o deputado Samuel Moreira, presidente da Assembleia Legislativa.

O prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad.

O senador Antonio Carlos Rodrigues, em nome de quem cumprimento todos os parlamentares aqui presentes. Deputados estaduais e vereadores e, sobretudo, os deputados federais aqui presentes.

Queria cumprimentar o ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab.

Queria cumprimentar meu querido amigo Ricardo Patah, presidente da UGT.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores empresários, as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

As minhas primeiras palavras são dirigidas ao senhor Rogério Amato, parabenizando pela recondução aos posto de presidente da Associação Comercial de São Paulo e da Federação das Associações Comerciais.

Eu desejo a todos os membros da nova diretoria muito trabalho e muito sucesso à frente dessa secular e importante instituição que teve um conjunto de homens públicos que a honraram ao longo desses últimos anos.

Eu gostaria de reiterar a todos vocês, nesse momento, meu compromisso inarredável com o desenvolvimento e o apoio do meu governo às micro e pequenas empresas. As micro e pequenas empresas, - sem excluir também as médias, que em alguns momentos as médias ficam deslocalizadas – elas não só fortalecem o tecido econômico, ampliando os donos de seu próprio negócio, como também elas enriquecem e democratizam a nossa sociedade porque elas fortalecem também o tecido social e político do país. Eu digo as pequenas, as micro, pela maior facilidade de acesso por aquele grande sonho que muitas vezes atinge homens e mulheres que é de ter seu próprio negócio e ser seu próprio patrão.

E aí eu quero aproveitar essa cerimônia, meus amigos e minhas amigas aqui presentes, para ... escolhi homenagear um de vocês, um dos ex-presidentes e queria aproveitar esta cerimônia para homenagear um brasileiro que colocou na pauta do país, na nossa pauta, o apoio às pequenas e micro empresas fazendo com que reconheçêssemos que esta é uma questão estratégica. A questão dos pequenos negócios é uma questão estratégica, e uma questão imprescindível para o futuro do país e para o presente do país. Eu me refiro aqui ao Guilherme Afif Domingos. Por duas vezes o Guilherme Afif Domingos foi presidente da Associação Comercial e dessa federação, e honrou a todos aqueles que o antecederam e sucederam.

Eu queria destacar alguns pontos. Porque como liderança e protagonista ele teve participação decisiva nesta entrada na pauta nacional - acho que nas pautas dos estados e das prefeituras - da questão dos pequenos negócios. E ele teve participação decisiva em vários eventos. Eu vou destacar alguns: aprovação do estatuto da micro empresa; a regulamentação do artigo da Constituição que concede tratamento diferenciado para as micro e para as pequenas empresas; ele teve protagonismo em duas questões que eu julgo muito importantes hoje, tanto no período do governo Lula para a aprovação e a aplicação da proposta do Simples Nacional que reduziu, unificou e simplificou os impostos e seu recolhimento. Também tem participação decisiva na criação do MEI, da lei do MEI, da lei do microempreendedor individual, também, ainda no governo do presidente Lula. E que tinha um objetivo que eu considero estratégico que é tirar da informalidade, trazer para a renda e também viabilizar, apoiar e expandir milhões e milhões de pessoas que trabalham por conta própria.

Parabéns, portanto, à Associação Comercial, a Federação das Associações Comerciais de São Paulo, parabéns ao nosso presidente Amato, recém eleito, e parabéns ao Guilherme Afif por todas essas iniciativas que de fato mudaram a história. Quando se contar essa história, mudaram a história até então do micro e pequeno empresário, da

micro e pequena empresa, desse grande empresário que controla o pequeno negócio no país.

Eu quero, senhoras e senhores, falar sobre um Brasil que os senhores e as senhoras conhecem. E conhecem bem e conhecem de perto. Conhecem do ambiente dos seus negócios, do balcão das suas lojas, da prestação dos serviços que fazem, enfim, conhecem daquilo que constitui a essência das atividades econômicas do nosso país, em especial das atividades de comércio e de serviço.

Nós somos um país que vem criando um forte mercado doméstico, uma forte demanda por serviços de todos os tipos e uma extraordinária expansão do comércio. Aliás, o comércio é, talvez, a atividade econômica mais antiga da humanidade. E ele assume, a cada momento histórico, as suas características. Eu falo deste país, que tem uma das mais baixas taxas de desemprego da história recente e que, nos últimos anos, viu ampliar o poder aquisitivo de seu povo, ao gerar 19 milhões e 300 mil empregos com carteira assinada. Somente nos dois anos e três meses últimos, nós geramos 3 bilhões e 900 mil empregos até março. Ampliou esse poder aquisitivo no mercado também, ao tirar 22 milhões de brasileiros da miséria, nesses últimos anos, e ao elevar à classe média outros 40 milhões.

Esse Brasil que agora se beneficia da mais baixa taxa de juros reais na sua história recente, da expansão do crédito, que teve um salto extraordinário, chegando hoje a 54% do PIB, e de uma decisão política sistemática do meu governo, também, de baixar impostos. Esse Brasil que alguns temem em subestimar é um país que o povo conquistou a condição de consumidor, porque na sociedade em que vivemos só conquistando a condição de consumidor a pessoa exhibe plenamente a sua condição de cidadão, conquista a sua autoestima e realiza também seus sonhos.

Acesso ao computador, ao carro zero, à internet banda larga, telefone celular, à casa própria – nós podemos enfileirar uma série de anseios da população: acesso à educação, ao ensino universitário, à educação profissional. Enfim, diminuição da desigualdade, ampliação do mercado de consumo e uma forte demanda sobre o setor serviços. Para a gente lembrar sempre, o Brasil está entre os cinco primeiros países do mundo em praticamente alguns segmentos produtivos e em consumo. Somos o segundo maior mercado de produtos cosméticos do mundo, o quarto maior mercado de automóveis, ocupamos a quarta posição no mercado mundial de computadores, a terceira no de aviões executivos. Ocupamos também posição de liderança na questão da demanda por equipamentos de tecnologia da informação, que vão dos mais variados tipos ao celular.

Enfim, esse Brasil, ele vem se expandindo de forma acelerada. E quando acontece isso, do ponto de vista da ascensão e da mobilidade social, é importante que nós percebamos que também de forma acelerada isso se explica por conta da ampliação da demanda por serviços. Ela amplia o comércio, varejo e atacado, ela mostra claramente uma ampliação na busca por serviços de educação, ela assiste uma vigorosa e intensa demanda por TI, por tecnologia da informação, nos mais diferentes segmentos, e viu a bancalização e o acesso a serviços financeiros atingir a ampla maioria da população. E teve um crescimento extraordinário na área de serviços, como eu dizia, aí basicamente TI e bancos e, também, uma grande ampliação do seu comércio.

Este país, portanto, precisa, de forma estruturante, ou, melhor, de forma estrutural, de suas micro e pequenas empresas. Precisa, em todas as áreas: pequenas empresas na área de serviço, na área de agricultura, pequenas empresas, enfim, na indústria. E, sobretudo, nós sabemos que, segundo o IBGE, 82% dos pequenos negócios estão na área de serviços. E esse é o setor que mais cresce a sua participação no PIB, e isso é característica de países não só como os nossos, mas, também, como a própria China, hoje, passa por essa explosão de serviços. Por isso, o papel da Associação Comercial de São Paulo, centro econômico do país, vai sempre crescer e se consolidar. Por isso, o papel das pequenas empresas vai crescer e se consolidar cada vez mais. Tanto esse imenso segmento de microempreendedores individuais, como de micro e pequenos empresários, tem, nos últimos anos, demonstrado uma grande capacidade de, ao ter um incentivo, ter também o equivalente à ampliação, ao florescimento das suas atividades. O governo deve dar suporte, apoiar e estimular, o governo não pode e não deve jamais se constituir uma barreira para eles.

E, aí, algumas questões aparecem de forma clara: o Brasil, durante a crise da dívida, construiu mecanismos perversos para impedir o gasto público, e construiu isso na União, nos estados e nos municípios. E essa é a burocracia que nós temos sistematicamente de derrubar, nos próximos anos, porque a razão dela, se razão social alguma vez teve, deixou de existir. E acredito que teve, porque uma parte da burocracia e das exigências era para manter o máximo possível a receita dentro dos postos do estado, uma vez que você tinha uma crise de dívida soberana no Brasil a partir de 1982, e uma imensa fragilidade econômica a cada crise que se sucedia no cenário internacional. Hoje nós temos profunda consciência da importância dessa desburocratização, em especial nos pequenos negócios. Se a burocracia – eu vou parodiar uma frase do Mário Henrique Simonsen: Se a burocracia, ela aleija uma grande empresa, ela mata pequenas empresas, microempresários, ela mata também as médias, que têm menos resistência. E por burocracia nós devemos não só entender todos os processos, mas a sobreposição de exigências e a sobreposição de guichês.

Por isso, a consciência da importância dos pequenos negócios está vinculada também à consciência da importância do necessário salto que nós teremos de dar, nos próximos anos. É essencial para todos nós que isso ocorra. Não custa insistir no caso dos pequenos negócios, dos grandes empresários que estão neste ramo. Eles representam 99% dos CNPJs ativos em todo o Brasil, forneceram, em 2012, 21% dos bens e serviços adquiridos pelo governo federal, e respondem por uma parte muito expressiva do PIB, acima de 20%.

E eu começo, nesse aspecto, destacando uma iniciativa que eu queria compartilhar com vocês, porque participaram de forma protagonista nela, que é o esplêndido sucesso do MEI, ao qual já aderiram mais de... quase, aliás, quase 3 milhões, aderiram 2 milhões novecentos e setenta e oito... Dois, pois é, dois, eles são detalhistas, eu gostaria de dizer que nós chegaremos a 3 milhões nas próximas semanas.

No final de 2010 – e é bom fazer essa comparação – sabem quantos tinham? 800 mil, 810 mil. Isso mostra que hoje nós temos esses quase 3 milhões, que serão, sem sombra de dúvida, 3 milhões nas próximas semanas, eles estão agora formalizados, o que é importantíssimo para o país, e protegidos, no que se refere aos direitos da previdência;

são donos de seu próprio negócio, muitos deles com faturamento que vai no limite, até os R\$ 60 mil anuais; e se inscrevem de forma simplificada, num portal. Tiveram acesso a mecanismos importantes. Eu acredito que o Crescer, que é o Programa de Microcrédito Produtivo Orientado, que os beneficia, teve uma expansão muito importante e, por que não dizer, até extraordinária. De setembro de 2011, que foi quando nós lançamos o programa, a março de 2013, foram realizadas 4 milhões e 700 mil operações de crédito para esses microempresários, porque abrange uma parte do MEI e uma parte, também, dos pequenos, do microempresários, e não só dos microempreendedores. E totalizaram, agora em março, 5 bilhões e 900 milhões de reais de empréstimos foram mobilizados para atender a esse setor.

Com o Crescer, os bancos públicos passaram a oferecer até R\$ 15 mil para esses pequenos empreendedores com uma taxa de abertura de crédito de 1% e hoje eu trago aqui uma boa notícia: nós vamos reduzir os juros para eles a partir de agora do final de maio a 5%. Era 8% e passou agora a ser 5% ao ano, portanto, um juro praticamente zero. Eu disse que nós chegamos, nós chegaremos rápido porque em torno de 80 mil pessoas por mês eles passam a integrar o MEI. E eu queria dizer para os senhores uma coisa: eu desconheço – e desconheço mesmo – qualquer país do mundo que em tão pouco tempo realizou uma mobilização dessa envergadura para de, um lado, formalizar, e de outro também apoiar dando crédito a esse conjunto de empreendedores.

Nosso governo tem, portanto, como eu dizia para os senhores, um compromisso inquestionável com os pequenos negócios. E aí eu queria explicar para os senhores por que isso vai ficar cada vez mais claro a partir dessa nossa iniciativa na recente criação da Secretaria da Micro e Pequena Empresa.

A criação da Secretaria da Micro e Pequena Empresa para o Brasil é essencial. É essencial e eu vou explicar para os senhores por que. Era possível no Brasil que nós mantivéssemos essa... uma questão dentro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, mas ela nunca seria tratada com a principalidade que ela merece, ela nunca seria tratada com essa principalidade. É necessário, portanto, que nós passemos por esse período em que haverá um ministro olhando só para a questão dos pequenos negócios, da mesma forma que nós fizemos no caso da Secretaria da Aviação Civil e na Secretaria dos Portos, a secretaria com nível ministerial, das micro e pequenas empresas do país ela é um elemento fundamental para que nós tenhamos colocado em definitivo na pauta em todas as esferas do governo a preocupação com o pequeno negócio.

Não há no Brasil, dentro do governo, uma tradição nesse sentido. Não há dentro do Brasil, no governo, uma tradição desse sentido. Essas iniciativas que ocorreram, ocorreram muito pelo empenho dos dirigentes, mas elas precisam de um tratamento sistemático, que perpassasse todas as esferas do governo, que olhe, por exemplo, numa licitação de blocos de petróleo, a importância dos blocos de petróleo em áreas consolidadas e devolvidas, os chamados blocos maduros. Você pode ter microempresários na área da exploração de petróleo, você pode ter pequenos empresários e pode ter esses empresários com algum suporte, porque é o que ocorre em muitas partes do mundo. Você pode ter toda uma política de desenvolvimento da inovação centrada em incubadoras nas pequenas e médias empresas. Você pode ter uma formação profissional destinada a elas. E assim como na área agrícola, em parceria com

entidades privadas, nós estamos caminhando para assistência técnica e extensão rural, em todas as áreas é possível fazer assistência técnica para que as melhores práticas sejam adotadas. Por isso, eu tenho certeza que essa Secretaria, ela terá um papel estratégico no Brasil. Nós, também com ela, vamos dar um passo na criação de um ambiente legal mais favorável ao empreendedorismo no Brasil. Vamos, portanto, ampliar o que está em andamento, mas vamos construir outras.

E mais: vamos de forma deliberada procurar ampliar esses espaços. Nós sabemos, por exemplo, o efeito do Simples Nacional, que foi quase uma minirreforma tributária por ter reduzido os tributos em cerca de 40%, unificando o pagamento de oito tributos em um único boleto. Nós sabemos que isso criou condições para que nós passássemos para uma explosão de pequenas empresas, que passaram de dois milhões em 2007 para os atuais 4,4 milhões de micro e pequenas empresas que pagam seus impostos, registradas na Fazenda. Somando-se a isso, essas empresas agregaram 11 milhões de postos de trabalho, 11 milhões de postos de trabalho com carteira assinada e, além disso, se nós somarmos os dois, teremos um total de 7 milhões e 400 mil empresas beneficiando mais de 11 milhões de trabalhadores. Esses números mostram que... um inquestionável avanço, mas mostram também como o Brasil pode desenvolver-se ainda mais nessa área.

Nós vamos buscar, neste âmbito, a sustentabilidade, e a sustentabilidade, os senhores sabem, que vai se consolidar com a qualificação dos empreendedores e dos seus negócios, com a busca sistemática da racionalização das suas práticas de gestão e com a difusão das melhores práticas. Vai se consolidar também com a inovação e vai se consolidar também com a política que nós viemos perseguindo, nos últimos dois anos e três meses, de redução dos tributos do nosso país.

Nós tivemos de tomar algumas medidas pontuais, mas também estamos em busca das medidas estruturantes. A redução dos encargos na folha de pagamento é uma dessas medidas, e eu vou dizer para o senhor por que ela é uma dessas medidas. Nós estamos vendo o mundo passando por uma grave crise, e nós estamos vendo, ao contrário de nós que ampliamos nosso mercado de consumo, nosso mercado doméstico, nosso mercado de serviços e nossos investimentos, nós vemos o mundo praticar uma política de austeridade que tem por efeito um corte significativo de salários e, com isso, no momento em que saírem da crise terão um custo de trabalho mais reduzido.

Do nosso lado, nós não estamos pensando em reduzir emprego, não é essa a nossa política, mas nós temos obrigação de reduzir o custo do trabalho através de dois mecanismos, e os dois afetando a produtividade. Um, e primeiro, é a redução dos impostos, a incidência na folha de pagamento, e o segundo é através de uma política acelerada de formação profissional e qualificação profissional. E um terceiro mecanismo, também trazendo do exterior engenheiros e técnicos para trabalhar no Brasil. Todos os países do mundo fizeram isso, e não há por que o Brasil não tenha uma política nesse sentido.

Temos a maioria dos instrumentos para que a gente faça essas mudanças. Esses instrumentos estão aí, vocês me permitam lembrá-los. Acredito que o Sebrae tem um grande papel difusor. Temos programas de fomento à inovação e à participação das pequenas empresas e incubadoras, não só na Finep, mas agora, que nós unificamos

todos os programas na área de ciência, tecnologia e inovação, uma das funções da Secretaria das Micro e Pequenas Empresas será desdobrá-las, desdobrar todas essas políticas, no que se refere à inovação para as pequenas empresas.

Temos os bancos públicos, temos o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o BNB, o BASA e o BNDES, que podem e devem ter um foco maior no setor. Nós sabemos que um dos saltos na questão do microcrédito produtivo orientado foi realizado pelo BNB, com uma presença já maior do BB, do Banco do Brasil. E eu quero dizer para vocês que nós estaremos destinando os nossos maiores esforços, no sentido de ampliar e ter uma política específica de crédito para esse segmento e também para a média empresa.

E quero dizer a todos vocês uma questão que eu acredito que é da maior importância, para não dizer que é a condição para as outras ocorrerem, que é: não falta hoje, nem faltará amanhã, vontade política para continuar apoiando o fortalecimento dos pequenos negócios.

Eu acho e eu acredito que todas as questões relativas ao desenvolvimento do Brasil, ampliação na sua infraestrutura, políticas sociais, interessam aos senhores cada vez de mais perto. E eu acredito que nós temos de ter clareza que o Brasil tem de ter uma meta coletiva, uma meta de cada um de nós. Primeiro é o compromisso com a competitividade, nós temos de ter esse compromisso, e temos de ter esse compromisso sabendo que não é necessário nem abrir mão das conquistas sociais, nem muito menos da estabilidade econômica que nós conquistamos, a duras penas, no nosso país. Isso significa que hoje o Brasil tem uma condição mais sólida. Nós somos um país que tem seus 378 milhões de reserva. Qualquer oscilação na balança comercial ou na balança de pagamentos, no caso do Brasil, é só isso: uma oscilação.

Nós não quebramos quando a crise estoura lá fora, nós não fazemos isso. Nós precisamos muito – e aqui eu quero destacar –, nós precisamos muito de uma política estável no que se refere também à formação profissional. Nós não podemos abrir mão de formar trabalhadores, para que nós mantenhamos a nossa competitividade. Muitos programas mostraram que foram muito bem realizados no Brasil.

E eu queria aqui dirigir um cumprimento especial a um setor que deu sua contribuição para que nós pudéssemos, no Brasil, de forma sistemática, ter uma política de construção civil voltada para a garantia de casas populares para trabalhadores que ganham até... de 1.620... aliás, de R\$ 1.320, na primeira faixa, até R\$ 5 mil, na última faixa. E me refiro aqui à CBIC, dirigida por um mineiro, brasileiro, também tenho certeza que paulista, e quero dizer que agradeço a ele a participação de todas as pequenas empresas, porque para levar esse plano à frente – e ele sabe, o Paulo sabe, o nosso querido Paulo Simão sabe – foi necessária a participação das pequenas empresas.

Nós só fomos capazes de levá-lo à frente, primeiro, com a participação deles, segundo com as pequenas empresas que são responsáveis, hoje, pela maioria da produção da primeira faixa, a faixa um, a faixa que é mais subsidiada. Por que eu falei isso agora? Porque eu sei, perfeitamente, que a construção civil, hoje, precisa do que não precisava antes. Precisa de formação profissional sistemática para que nós tenhamos trabalhadores em condição de fazer frente aos desafios das novas tecnologias produtivas, mas também para formar trabalhadores que até ontem não eram nem azulejistas, nem eletricitistas, nem

tinham capacidade e as qualificações necessárias para enfrentar o mercado de trabalho mais massivo do Brasil, que é o da construção civil.

Então nós precisamos desde médicos doutores até a formação de todos os profissionais. Profissional na área de serviço porque todas as economias que desenvolvem têm essa qualificação nos serviços. E precisamos, portanto, de reconhecer que hoje nós temos várias condições e que várias delas estão dadas, que agora nós temos cada vez mais de aprofundar. Temos juros em níveis civilizados, temos câmbio equilibrado, inflação sob controle, reduzimos tributos e vamos reduzir sistematicamente – até porque hoje nós consideramos que o governo dá o mesmo tratamento para a redução de imposto do que dá para importância de investimento em infraestrutura – e estamos agora diminuindo o custo da energia e desonerando a cesta básica.

Todos os países para caminharem e caminham mais rápido quando há consenso, quando se constrói consensos. Consenso é algo que tem que ser construído, então caminha melhor, caminha de forma mais pujante, caminha mobilizando a todos quando é capaz de construir consenso. Nós construímos a necessidade de consensos e eu vou falar sobre dois consensos que eu acredito que sejam fundamentais para o país.

O primeiro é a medida provisória dos Portos, que está em análise no Congresso Nacional e, se aprovada, vai permitir ao Brasil acrescentar mais uma peça no tabuleiro de xadrez que ele disputa com os países do mundo no que se refere à questão da competitividade pelo impacto que terá na eficiência da logística do Brasil, pelo impacto que terá na liberação das forças produtivas, em especial porque abrirá os portos ao investidor privado. Assegurará ao investidor privado o direito de exportar a sua carga e a de terceiros, e isso é essencial para quebrar monopólios e garantir a eficiência da logística no país.

Essa questão é para o Brasil, obviamente é para essa Presidência também, uma questão na qual ou em relação à qual é necessário estruturar e construir um consenso. A outra questão que também exige consenso imediato é a questão da destinação dos royalties do petróleo para investimentos em educação. Essa destinação é decisiva. Todos aqui, eu tenho certeza, têm e compartilham do mesmo sonho que eu, que é transformar o Brasil em uma grande nação de classe média. No mínimo, de classe média. Nós queremos uma nação em que as pessoas tenham acesso a condição de cidadãos e consumidores, de trabalhadores e empreendedores. Aliás, eu sempre gostei de uma palavra que eu li em um texto do Guilherme Afif Domingos, que chamava o empreendedor, o pequeno empreendedor, não chamava de trabalhador, chamava de batalhador, porque é como se ele se debatesse e batalhasse sozinho. Agora ele é um empresário, trabalhador, batalhador, eu tenho certeza que construímos assim.

Mas voltando desse parêntese, a destinação dos royalties do petróleo. Ela não é trivial. Eu enviei para o Congresso quando vetei a medida, aliás, vetei parte da Lei dos Portos, dos Portos não, dos Royalties, e era (inaudível) do Petróleo, que mudava os contratos para trás, em uma afirmação que o Brasil tem que respeitar contratos gostando dos contratos ou não, não é uma questão de vontade, é uma questão de respeito à lei.

Porém esse processo está *sub judice*, e a MP que define essa parte, essa parte dos royalties que é royalties, participações... essa parte da lei, aliás royalties, participações especiais e os recursos do pré-sal, destina à educação... essa lei, ela está parada porque

ela está *sub judice*. O Supremo Tribunal está avaliando essa questão, se é ou não é inconstitucional ou não.

Assim sendo, nós mandamos uma nova lei para o Congresso, e essa lei insiste nessa questão porque ela é essencial para o Brasil ser um país de classe média, que é educação, educação e mais educação, que a gente obtém com recurso e que tem de investir recurso para várias coisas. Primeiro, porque o país precisa de recursos para garantir creches, para acabar com a raiz da desigualdade, não só porque a mãe trabalha, mas a raiz da desigualdade está no fato dos estímulos das crianças serem diferenciados entre uma família de classe média e uma família pobre, para dar estímulos adequados às nossas crianças na mais tenra idade, para que também elas tenham alfabetização na idade certa: oito anos.

No Brasil todas as crianças... e os senhores pensam que isso é trivial? Não é trivial. Há estados do país que mais de 20%, [em] alguns 30% das crianças em idade adequada não sabem ler e interpretar um texto, fazer as operações simples. É fundamental que elas saibam. Terceiro, também nem um país chegou a ser uma grande nação enquanto não teve educação em turno integral, e turno integral não é para praticar esportes ou artes. É também, mas é, sobretudo, para aprender Matemática, um conjunto de ciências, é fundamental para aprender Português e uma língua, pelo menos isso.

Esse é um esforço para o qual nós precisamos de recursos e tem de ser obrigatório em lei a destinação do que há de mais, mais, hoje mais forte no Brasil em termos de riqueza, mas, ao mesmo tempo, não é uma riqueza renovável, ela tem de ser inter-geracional e ela tem de se destinar àquilo que cada um de nós carrega pela sua vida afora como o seu grande patrimônio, que é o que nós aprendemos e nunca devemos parar de aprender. Por isso eu peço, também, um consenso dos senhores, para que a gente possa fazer isso, possa enviar os nossos estudantes também para o exterior. Nós já conseguimos, sem isso, enviar 100 mil brasileiros para estudar nas melhores escolas, na área de engenharia, física, química, matemática, biologia, ciências da computação e ciências médicas.

Eu falo desses temas para os senhores porque eu acredito que o Brasil pode, precisa e vai dar provas que nós somos todos capazes de dar passos à frente, que nós olhamos o desafio, sabemos que ele existe e sabemos que todos nós, juntos, temos competência para resolvê-lo. Agora, é necessário fazê-lo com o engajamento do conjunto da sociedade, construindo consensos sobre questões que são essenciais.

O país que queremos, o país que temos de construir e seus valores, seus valores que nós devemos preservar muito, porque somos um grande país democrático, somos um país que não vive em guerra, literalmente falando, somos um país que não tem conflitos étnicos, que não tem lutas religiosas, somos um país que preza os valores da democracia, que vive sob plena liberdade de imprensa e que defende aqueles que são objeto de preconceito e discriminação. Enfim, somos um país culturalmente, que caminha cada vez mais para ser um país culturalmente respeitoso da diferença, respeitoso da diversidade. E nós, especificamente, somos também orgulhosos da nossa diversidade. Aliás, o nosso grande recurso, para além do petróleo, do minério, da agricultura, são os brasileiros e as brasileiras.

Por isso, eu tenho certeza que esse Brasil só irá para a frente com todos nós, e desse nós, os senhores e as senhoras pequenos empresários, aliás, pequenos empreendimentos, grandes empresários, são uma das melhores partes.

Muito obrigada.

**Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após cerimônia de assinatura de atos com o Presidente do Egito, Mohamed Morsi
Palácio do Planalto, 08 de maio de 2013**

Excelentíssimo senhor Mohamed Morsi, presidente da República Árabe do Egito.

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações do Egito e do Brasil.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Tenho muita satisfação em receber o presidente Morsi na sua histórica visita de Estado ao Brasil, a primeira de um mandatário desse grande país amigo que é o Egito. Escolhido pela voz majoritária das urnas, o governo do presidente Morsi busca dar expressão às legítimas aspirações do povo egípcio por liberdade, justiça social e desenvolvimento. Todos nós acompanhamos com emoção e sentimento de solidariedade o desenrolar do processo transformador desencadeado pelas manifestações da Praça Tahrir. Vivemos no Brasil processo similar de redemocratização a partir dos anos 80, compreendemos os desafios e a importância do esforço de construção institucional e de promoção da cidadania, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social.

Eu tenho convicção de que no Egito, como no Brasil, os ventos da redemocratização vão ser os precursores de um projeto econômico renovado, tanto do ponto de vista social, quanto do ponto de vista político, quanto no que se refere à afirmação da soberania no Egito. Nesse contexto auspicioso, o presidente Morsi e eu decidimos impulsionar a cooperação entre o Brasil e o Egito em todos os níveis, priorizando as áreas econômica, social e cultural.

Hoje à tarde haverá uma apresentação sobre políticas públicas brasileiras para que possamos trocar informações e experiências em matéria de inclusão social e eliminação da pobreza. Questões como o Bolsa Família, os programas relativos à agricultura familiar, programas de aquisição de alimento, programas também relativos à geração de ciência e tecnologia, à ampliação do comércio, a toda a questão relativa a investimentos do Brasil no Egito e vice-versa, serão tratados também ao longo de toda a nossa atividade.

O presidente Morsi afirmou o seu desejo de fortalecer a produção agrícola de seu país, de estreitar as relações comerciais, de levar investimentos para o Egito, de promover um processo de ampliação do uso do biocombustível e, também, de contemplar a questão da sustentabilidade através daquele princípio “crescer, incluir, proteger e conservar”. Aliás, a experiência brasileira em biocombustível está colocada à disposição do Egito em seu esforço para ampliar a presença de fontes renováveis na sua matriz energética. Eu considero importante toda a parceria na área de ciência e tecnologia que permita ao Brasil e ao Egito desenvolver de forma a agregar valor à sua produção nos seus próprios países.

Foi assinado também, como vocês viram, um acordo entre a Biblioteca Nacional do Brasil e a Biblioteca de Alexandria, que é uma instituição lendária, uma instituição que se origina nos primórdios da história, de prestígio internacional e que desenvolve programas avançados na área de digitalização de livros. Nós também identificamos grande potencial de cooperação na área de defesa, da aviação civil e militar.

O Egito é o principal destino de nossas exportações na África – isso, desde 2009 – e o terceiro maior parceiro tanto no continente africano quanto no mundo árabe. Nosso comércio bilateral já alcançou alguns bilhões de dólares, nós temos de ampliá-lo e torná-lo mais equilibrado. O acordo de livre comércio assinado entre o Mercosul e o Egito também vai abrir possibilidades e oportunidades para um intercâmbio cada vez mais diversificado.

Manifestei ao presidente Morsi a intenção do Brasil de organizar missões empresariais ao Egito, ainda neste ano de 2013. Amanhã, eu tenho certeza, o presidente Morsi encontrará, de forma muito produtiva, empresários brasileiros em São Paulo. O estreitamento das nossas relações comerciais e das nossas parcerias em investimento devem e são estratégicas para a qualidade da nossa cooperação.

Nós tratamos também de importantes questões birregionais e multilaterais. Do ponto de vista birregional, tanto a ASPA quanto a ASA, que são organizações da América Latina com os países árabes e com os países africanos, deve merecer a nossa atenção e a nossa preocupação. Concordamos em manter uma coordenação nos fóruns multilaterais e, também, desenvolver as nossas relações no âmbito dos Brics e dos demais órgãos.

Conversamos sobre paz e sobre segurança no Oriente Médio e coincidimos em que a questão palestina é chave neste particular. O Brasil reconhece a importância do Estado Palestino para que se construa a paz naquela região. No que se refere à Síria, a gravíssima escalada do conflito continua a trazer uma grande preocupação, e convergimos em nossa condenação a todo ato de violência contra os civis e, ao mesmo tempo, que o diálogo é o melhor método para que se estabeleça a paz em definitivo naquela região. Defendemos um cessar fogo imediato efetivo e defendemos, também, o início de um processo político liderado pelos sírios, com o apoio da comunidade internacional.

O Brasil defende a realização da Conferência para a criação de uma zona livre de armas nucleares e de todas as outras armas de destruição de massa no Oriente Médio, a exemplo do que já existe aqui na nossa região, na América Latina. Nós apoiamos a reforma da ONU, em particular de seu Conselho de Segurança, e enfatizamos a importância da representação de árabes e africanos neste órgão multilateral.

No plano econômico, nós temos de lutar contra as assimetrias existentes, ainda, nas instituições financeiras internacionais. A implementação da reforma do sistema de cotas e do sistema de votação no FMI está entre as iniciativas urgentes.

Eu quero, aqui, reiterar o meu agradecimento pelo apoio do Egito, que muito valorizamos, ao candidato brasileiro Roberto Azevêdo ao cargo de diretor-geral da OMC.

O presidente Morsi e eu concordamos que uma cooperação Sul-Sul entre nossos países é estratégica para que se estabeleça, de fato, a multipolaridade no mundo.

Finalmente, temos a convicção que nossos países e povos têm pela frente um grande futuro e um imenso caminho de cooperação. Queremos construí-lo juntos.

Muito obrigada ao presidente Morsi, agradeço também à sua comitiva. E reitero a importância para o Brasil da relação entre o Brasil e o Egito, países que têm papéis importantes, não só a desenvolver na sua região, mas também para a paz, o desenvolvimento e o bem-estar das populações do nosso mundo.

Muito obrigada.

**Brinde da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço em homenagem ao Presidente do Egito, Mohamed Morsi
Palácio Itamaraty, 08 de maio de 2013**

Excelentíssimo senhor Mohamed Morsi, presidente da República Árabe do Egito,
Senhor Michel Temer, vice-presidente da República,
Senhoras e senhores Ministros de Estado e integrantes das delegações do Egito e do Brasil,

Senhoras e senhores deputados federais Nelson Pellegrino, presidente da Comissão de Relações Exteriores; Perpétua Almeida; Nelson Markezelli,

Senhoras e senhores empresários,

Senhoras e senhores membros da Comunidade Árabe no Brasil,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Presidente Morsi, é uma alegria e uma honra sua visita. Vossa Excelência é o líder de um novo Egito, um país que vive grandes transformações que refletem a força popular de um movimento pela construção da democracia e da justiça social.

No momento em que o Egito escreve essa nova página em sua história, o Brasil quer trabalhar com determinação para que nossa parceria esteja à altura do que nossos países representam em suas respectivas regiões do mundo.

Foi com especial satisfação que identificamos, em nossa conversa na manhã de hoje, vertentes promissoras de cooperação e de diálogo, proximidades enormes e determinação comum de enfrentar os desafios e resolvê-los.

Alegrou-me, em particular, verificar seu especial interesse em nossa experiência na elaboração e implementação de políticas sociais, com ênfase na erradicação da pobreza e no combate à fome. Também me comoveu a determinação do Egito e do senhor em levar o desenvolvimento, cada vez mais, àquele país.

Desde as mudanças históricas no Egito, em 2011, nossas equipes já deram passos importantes para moldar uma nova agenda de cooperação, que espero possa avançar em setores relevantes para o desenvolvimento de nossos países, como as áreas da energia, da ciência e tecnologia, na área da defesa, na área da cultura, da educação.

Queremos aumentar as nossas relações econômico-comerciais. Contamos com a visão empreendedora dos nossos setores empresariais privados. Será muito importante o encontro econômico e comercial a ser realizado em São Paulo amanhã, com a participação de Vossa Excelência.

Meu caro presidente Morsi,

Acolhemos com satisfação a determinação de seu governo em intensificar as relações com os países em desenvolvimento. O diálogo e a cooperação Sul-Sul são

imprescindíveis no processo de construção de uma ordem multipolar, onde prevaleça a justiça, a solidariedade, a inclusão social e o respeito às diversas visões de mundo. Juntos, Brasil e Egito poderão se empenhar, cada vez mais, na reforma da governança. Ao dirigirmos nosso olhar para as questões de paz e segurança internacionais, não poderia deixar de mencionar conflitos que afetam a todos nós e aos egípcios ainda de mais perto. É preciso superar a paralisia que domina o processo de paz entre Israel e Palestina. É preciso valorizarmos o papel mediador do Egito no Oriente Médio e estendermos nossa mão para que, juntos, Brasil e Egito possam trabalhar ainda mais para a superação negociada de conflitos e construção de um mundo de paz.

Querido Presidente,

Caros integrantes da comitiva da República Árabe do Egito,

O Brasil tem uma significativa herança árabe em sua formação. Da Península Ibérica recebemos o que havia ficado do grandioso período chamado de convivência. Somos sempre surpreendidos por um passado distante que permanece vivo, no indispensável pandeiro de nossas rodas de choro e de samba, na sonoridade familiar de crianças cantando a tabuada e soletrando, juntas, como nas escolas islâmicas.

A comunidade de ascendência árabe no Brasil é estimada em 12 milhões de pessoas, a maior fora do Oriente Médio. Aqueles que aqui chegaram integraram a nossa nação e foram acolhidos em nossa sociedade, e têm contribuído, significativamente, em todas as áreas, da medicina ao comércio, do desenvolvimento acadêmico à literatura e à política. Na literatura, aliás, alguém aqui não deixa de conhecer, da obra de Jorge Amado, a quantidade de Nassibs, Abdallahs, Chafiques.

Esses elementos deverão, certamente, servir de ponte para uma crescente aproximação entre nossos povos, uma aproximação que, como pudemos confirmar hoje, está também fundada em grandes afinidades e que é animada pelo propósito de estreitar, cada vez mais, os laços entre os dois países em um caminho comum de desenvolvimento e de democracia, de construção econômica, social e política.

É com esse espírito que convido todos a erguerem, em comemoração à amizade entre o Egito e o Brasil, e às perspectivas renovadas que se abrem para nossa história comum, uma saudação ao Presidente Morsi, ao povo do Egito e à delegação que o acompanha.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse do ministro de Estado chefe da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, Guilherme Afif Domingos
Palácio do Planalto, 09 de maio de 2013**

Bom dia a todos.

Eu queria saudar o nosso vice-presidente da República, Michel Temer; o presidente do Senado Federal, Renan Calheiros; o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves.

E cumprimentar de maneira muito especial o ministro de Estado chefe da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, Guilherme Afif Domingos.

E queria cumprimentar e saudar a senhora Sílvia Maria Domingos, acompanhados dos seus filhos e seus familiares. Sejam bem muito bem vindos.

Queria cumprimentar os ministros e as ministras de Estado cumprimentando a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann.

Cumprimentar o presidente do Partido Social Democrático, Gilberto Kassab.

O presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, Benito Gama.

O presidente do Partido Republicano Brasileiro, Marco Antonio Pereira.

Cumprimentar o vice-presidente do Partido Socialista Brasileiro, Roberto Amaral.

Cumprimentar os senhores senadores aqui presentes: José Pimentel, Armando Monteiro, Eduardo Lopes, Gim Argelo, Sérgio Petecão e Valdir Raupp.

Cumprimentar as senhoras e senhores deputados federais aqui presentes cumprimentando os... vou cumprimentar uma mulher, a Marinha Raupp. Através da Marinha Raupp eu cumprimento todos os deputados e as deputadas.

Queria cumprimentar também o Luiz Barreto, presidente do Sebrae.

O presidente da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil, José Paulo Dornelles Cairolí. E por intermédio do Cairolí eu cumprimento todos os representantes das micro e pequenas empresas e empreendedores individuais aqui presentes, bem como os presidentes das associações também aqui presentes.

Cumprimentar meu querido presidente da UGT, Ricardo Patah. E ao cumprimentar o Ricardo eu cumprimento todos os demais representantes sindicais.

Cumprimentar os senhores jornalistas e as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

No início do meu governo, em março de 2011, eu encaminhei ao Congresso a proposta de criação da Secretaria da Micro e Pequena Empresa. E, naquela época como hoje, me movia a convicção da importância das micro e pequenas empresas para um país como o Brasil.

E eu queria dizer aos senhores que eu acho que a importância das micro e pequenas empresas, ela evolui, ou seja, ela se torna cada vez maior quanto mais desenvolve um país, quanto mais cresce a sua complexidade econômica e quanto mais se desenvolvem as relações complexas entre os diferentes setores da economia. Ao contrário do que muitos pensam a micro e pequena empresa é, de fato, um espaço, eu diria, econômico e institucional que é essencial para uma sociedade porque ela ... a presença dela numa sociedade, numa economia, cria um tecido social e um tecido econômico muito mais forte. E estabelece nesta sociedade uma relação extremamente importante entre grandes empresas, entre médias empresas e toda a população de trabalhadores, de técnicos, enfim.

A micro e pequena empresa é também um local especial para gerar inovações científicas e tecnológicas, ou seja, aplicando conhecimento científicos e tecnológicos. Nas micro e pequenas empresas, muitas vezes nelas está a origem e o processo de geração e difusão de inovações. Ao mesmo tempo, ela contempla num quadro numa sociedade moderna, ela contempla a presença do setor serviços de uma forma muito especial.

Por isso, é com satisfação que presido essa cerimônia, sobretudo porque eu acredito que a posse do ministro Guilherme Afif Domingos traz para essa questão da microempresa a pessoa certa para o lugar certo. E a pessoa certa porque eu acredito que é um reconhecimento de direito e, eu tenho certeza, da população brasileira, que o ministro foi o mais importante formulador e, ao mesmo tempo, o representante de milhões de

cidadãos comuns que têm na micro e pequena empresa o objetivo das suas vidas, milhares de cidadãos comuns com esse objetivo. E o ministro formulou e construiu a pauta da microempresa no nosso país, ele descreveu, eu não vou repeti-lo, mas eu queria fazer alguns destaques. Colocar a microempresa e a pequena empresa, ou seja, o pequeno negócio de um grande empreendedor na pauta significava, e ele tem toda razão, primeiro reconhecer através da Constituição que era não só possível mas era correto tratar a microempresa de forma diferenciada. Isso é um passo fundamental, porque esclarece e torna o terreno no qual a microempresa trabalhará algo reconhecido pela Constituição do país.

Nós temos certeza que a pessoa certa está no lugar certo porque todas as qualidades do ministro Guilherme Afif Domingos são aquelas indispensáveis para tratar dessa questão: eficiência, experiência e visão estratégica. E esse conjunto de qualidades vai permitir que ele exerça bem essa função. E por que um novo ministério? No Brasil nós temos de ter e de reconhecer que é necessário um processo de expansão para depois abrir um processo de redução e assinação.

Nós precisamos de políticas focadas, o ministro será responsável por essa política focada das micro e pequenas empresas. Mas as micro e pequenas empresas têm inter-relação com todos os ministérios, como ele disse, mas tem sobretudo uma questão estratégica para o país, no quadro e na conjuntura que nós vivemos, que é a questão da desburocratização. Quem mais sofre – todo mundo sofre com a burocracia – mas quem mais sofre são as micro e pequenas empresas. É extremamente feliz a comparação do ministro da burocracia com o colesterol. De fato tem a boa burocracia, que é a regulamentação correta que o Estado tem de fazer, mas há a péssima burocracia, a burocracia que ao invés de dar suporte ou ajudar a desenvolver, entrava. Esta é uma questão que está no cerne da expansão da pequena e da microempresa. É necessário em todas as atividades desburocratizar o país, daí porque é muito importante que esse ministério seja um ministério do verbo. O ministro está sendo modesto. Vai ser também da verba, ministro. Por que é que vai ser da verba? É porque a micro e pequena empresa precisa de uma política de crédito, precisa de uma política tributária. Precisa que nós tenhamos claro o papel destes milhões de empresas espalhadas pelo nosso país e que nós levamos a essas empresas as condições para se expandirem e melhorarem e jamais tentemos qualquer processo que sirva para entravá-las.

E eu acho que a gente tem que ter consciência da expressividade já hoje desse segmento do Brasil. Nós temos hoje formalizadas 7,4 milhões micro e pequenas empresas, também com microempreendedores aí incluídos. Representando 99% das empresas formalizadas no país e gerando 11 milhões de empregos.

Esse mesmo contingente de pequenos negócios, ele teve um grande impulso quando nós simplificamos e tornamos o Supersimples um instrumento de expansão ao unificar os tributos em um só boleto e reduzi-los também. E reduzi-los. Nós tivemos um outro impulso quando, reconhecendo a importância através inclusive dessa sugestão do ministro ao então presidente Lula, do estatuto do microempreendedor individual. Nós conseguimos formalizar milhões de pequenos negócios. Nós começamos com 810 mil, se eu não me engano, em setembro de 2011. E hoje nós temos quase 3 milhões de micro e pequenos empreendedores individuais. Depois nós fizemos o crédito produtivo orientado, que

também serviu de impulso para esse processo. Porque tratava-se de dar crédito de forma simplificada para microempreendedores individuais. E os senhores saibam que hoje inclusive eu trago uma ótima notícia: esse projeto que se chama Crescer, que é o microcrédito produtivo orientado, nós conseguimos expandi-lo de forma muito significativa, atingindo já mais de R\$5 bilhões.

E também conseguimos que as pessoas tivessem acesso àquele primeiro dinheiro, ou para capital de giro ou para comprar seus equipamentos para estabelecer seu sonho, que era ter um pequeno negócio.

E hoje aqui eu aproveito a posse do ministro para mais uma vez – eu fiz esse anúncio, ali quando eu compareci em São Paulo à posse da Associação Comercial de São Paulo e do presidente da Federação de Associações Comerciais do Estado de São Paulo – eu fiz um anúncio que foi que nós estamos reduzindo os juros desses empréstimos de 8% para 5%, portanto juro zero.

Eu tenho certeza que o ministro vai contar com o apoio das associações comerciais de todo o país, vai contar com o apoio do Sebrae, mas eu quero aqui dizer para os senhores que ele vai contar com o meu apoio e o meu interesse pessoal nessa questão.

A importância que eu atribuo a esse processo no Brasil, eu acredito que no microempreendedor individual, na microempresa e na pequena empresa está uma das sínteses do Brasil desse novo processo, que é um processo de desenvolvimento com inclusão social. Essa é uma das sínteses, esse é uma das sínteses do país. Recentemente eu estava falando com o presidente Morsi, a respeito do significado da distribuição de renda para conformação do mercado, para conformação do mercado doméstico em países como o Brasil, países emergentes, como o Brasil e o Egito. E dizia que a grande percepção é que a elevação do nível de renda, retirar da pobreza e formalizar cada vez mais a mão de obra era um processo que dava não só resultados sociais em termos de inclusão de cidadãos consumidores, mas também, por causa de serem cidadãos e consumidores, conformavam a riqueza de um país, que é seu mercado interno também, que é um dos momentos estratégicos de um país é ter a capacidade de ter uma âncora que é seu mercado interno. Principalmente em momentos em que cai a demanda internacional por bens e serviços.

Mas eu acredito que completa esse quadro a expansão de microempreendedores individuais, de microempresas e de pequenas empresas. Tanto na área agrícola quanto na área de serviços, quanto na área industrial, o fortalecimento desse segmento, que é um segmento expressivo e que além disso faz parte do sonho cultural, o justificável sonho cultural de melhorar na vida, de brasileiros e de brasileiras. E que isso compunha, e compõe, eu acredito, um quadro de motivação para que as pessoas se empenhem e se tornem empreendedoras. Um país ele se compõe de momentos materiais, mas ele também se compõe de valores. E tecer esses valores no caso do microempreendedor, do pequeno e da microempresa é algo que constitui e melhora as características do nosso país e da nossa nacionalidade.

Eu, por isso quero dizer que o espírito empreendedor de brasileiros e de brasileiras pode agora contar com uma estrutura institucional de apoio, com um ministro que vem de uma trajetória de construção de liderança nessa área. E pode contar também com esse processo, que é um processo estratégico para o Brasil hoje, porque de fato altera a

competitividade, que é desburocratizar o país. Desburocratizar lá no ínfimo, no menor espaço existente, nós temos que tornar as coisas mais fáceis.

E aí eu queria abrir aqui um parêntese para falar e fazer um apelo: nós mandamos para o Congresso a Medida Provisória dos Portos. No Brasil, é inequívoco que o Custo Brasil vem evoluindo. Eu já fui da época em que o Custo Brasil mais de mil pontos básicos era dado por questões financeiras e de capacidade de fazer face à dívida. Hoje, o Custo Brasil cada vez mais é infraestrutura. E portos é algo estratégico nessa questão. É algo que está no cerne do problema da competitividade. Nós não podemos desenvolver nosso país, se não tivermos uma estrutura dos portos aberta ao setor privado. Não iremos desenvolver.

Em qualquer mudança, eu sei, que tem interesses consolidados. E diante desses interesses consolidados, um novo às vezes atemoriza excessivamente.

Eu quero dizer aos senhores que meu apelo é no sentido que o Congresso Nacional faça um esforço, no tempo que resta, que é até quinta-feira, para provar essa que é uma das medidas estratégicas para esse país. Para além de qualquer outra questão legítima, as questões de diferença de opinião numa democracia, elas são legítimas, elas ocorrem, e é isso que nós queremos. Nós vivemos numa democracia. Não é que não seja possível a divergência, mas o que nós não podemos ter é o silêncio, é não discutir, é não debater.

Acredito, portanto, que esse esforço é devido ao país no sentido de resolvermos os problemas estratégicos, que é portos. Eu só falo isso numa posse, porque essa questão dos portos, ela tem, eu diria assim, parentesco com a questão da desburocratização. E o parentesco está, não só em construir portos 24 horas, mas garantir que a nossa produção tenha acesso aos portos, sem barreiras. Porque na burocracia tem vários tipos de barreiras. Eu asseguro a vocês que o não livre trânsito de mercadorias constitui uma barreira desde os primórdios do desenvolvimento econômico. O controle de portos é um processo que até nós conhecemos. No processo de construção do nosso país, nós sabemos que a abertura dos portos às nações amigas, na verdade era, naquele momento, uma quebra do monopólio colonial, pelo qual só os navios portugueses podiam comercializar a produção gerada em solo pátrio.

Nós queremos hoje uma nova abertura. Nós queremos que o acesso aos portos brasileiros seja direito de todos aqueles que produzem. É esta a ideia dessa medida provisória. E, ao mesmo tempo, que assegure aos trabalhadores seus direitos. Uma coisa é compatível com a outra. Tanto é que o acordo no que se refere à questão dos trabalhadores foi um acordo muito bem sucedido. Por quê? Porque também um país como o nosso, só vai ficar de pé de forma competitiva de uma forma que não prejudique ninguém, não prejudique o empresário e não prejudique o trabalhador. O que nós provamos nessa medida, através de negociações, que isso era possível. E peço, sobretudo, que esse esforço ocorra.

Assim sendo, eu quero dizer que eu encerro essa fala, primeiro, com uma convicção, a convicção que nós iremos fazer um grande trabalho. Um grande trabalho no sentido de um trabalho intenso, dedicado e sempre olhando interesses dos micro e dos pequenos. Olhando esse interesse e vendo a forma pela qual o Estado pode ajudar e não prejudicar. Tenho esse compromisso com o ministro Afif, com o setor e com a população brasileira. Porque quando o micro empreendedor, o micro empresário e o pequeno empresário

ganhar, todos ganharão. Ganharão todos sem exceção. Então essa é a primeira parte da minha fala final. A segunda, é que eu desejo ao ministro Guilherme Afif Domingos um grande trabalho à frente desse que é um ministério que, eu diria, dos pequenos, mas que é um grande ministério.

Muito obrigada a todos.

**Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após encontro bilateral com o Presidente da República da Venezuela, Nicolás Maduro
Palácio do Planalto, 09 de maio de 2013**

Boa noite a todos.

Excelentíssimo senhor presidente da República Bolivariana da Venezuela, senhor Nicolas Maduro,

Senhoras e senhores ministros de Estado integrantes das delegações da Venezuela e do Brasil,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

É uma satisfação receber o presidente Maduro, acompanhado de expressiva comitiva ministerial, em sua primeira visita ao Brasil como presidente da Venezuela. Tive a oportunidade de conviver com Nicolas Maduro, durante os anos em que atuou como chanceler do presidente Chávez. Sei de suas qualidades. Sei, também, que é um grande amigo do Brasil. Estou certa de que mantereí, com o presidente Maduro, um nível elevado de relacionamento, a exemplo do relacionamento que mantive, durante os anos que dele desfrutei, com o presidente Chávez.

Hoje reiteramos o compromisso com uma forte parceria, parceria estratégica entre nossos países. Decidimos aprofundar os projetos existentes de cooperação em áreas como alimentos, energia elétrica, energia de petróleo, agricultura, desenvolvimento social e habitação. Discutimos, ainda, novas possibilidades de cooperação, em matéria muito específica de abastecimento, segurança alimentar e também na garantia do suprimento energético. A presença na Venezuela de escritórios de instituições brasileiras como a Caixa Econômica, o Ipea e a Embrapa, seguirá sendo grande facilitadora dessas iniciativas.

Nós coincidimos na avaliação de que, apesar da crise econômica, o comércio com a Venezuela, em 2012, ultrapassou a marca histórica dos US\$ 6 bilhões. Indiquei ao presidente Maduro nossa disposição em buscar mais expansão e maior equilíbrio nesse intercâmbio, e analisar todas as possibilidades de ampliação das importações brasileiras de produtos venezuelanos, como é o caso da uréia e do coque.

Concordamos também no interesse de ambos os países em diversificar ainda mais a nossa troca de experiências para abranger áreas como cultura e juventude. Queria destacar a Orquestra Sinfônica Simón Bolívar, que foi e é um exemplo do quão longe podem ir os jovens quando apoiados por políticas públicas que estimulem seus talentos. Eu e todos os brasileiros que assistimos, no mês passado, às suas apresentações, sob a regência do maestro Dudamel, ficamos muito sensibilizados com o vigor, a sonoridade e, sobretudo, a qualidade técnica e a expressiva competência desse extraordinário conjunto.

No próximo semestre o Mercosul viverá um momento histórico. Pela primeira vez um país situado ao norte do Brasil assumirá a sua Presidência Pro Tempore. Estou certa de que isso permitirá ao bloco viver um segundo ciclo de expansão do comércio e de integração das cadeias produtivas, beneficiando, em especial, o norte e o nordeste do Brasil e o sul da Venezuela.

Registre o apreço do Brasil pelos esforços do secretário-geral da Unasul, Alí Rodríguez, em prol do desenvolvimento integrado da América do Sul, pela reafirmação da América do Sul como um continente de paz, sem uso de armas atômicas e, sobretudo, a capacidade de resolver seus próprios problemas.

Presidente Maduro,

Esse desafio, que é o desafio da união regional, sonho de todos os nossos antepassados e frustração de tantas gerações, tem sido encaminhado por todos nós e isso tem grande significado político. Nossos países estão mostrando essa vocação para criar um futuro comum, que una toda a nossa região, que contribua para um mundo multipolar e multilateral, sem espírito de confrontação, sem pretensões hegemônicas e sem ingerência externa.

A Venezuela e o Brasil têm um papel fundamental a desempenhar nessa caminhada. Vamos fazer da vontade de união entre nossos países um exemplo para toda a região de uma região que prossegue no caminho do crescimento econômico, da inclusão social e, sobretudo, do fortalecimento democrático.

Aproveito esta oportunidade também para agradecer o decisivo apoio da Venezuela à nossa candidatura à direção da Organização Mundial do Comércio e todo o empenho demonstrado pelo país do senhor.

Muito obrigada, presidente Maduro, e muito sucesso ao seu mandato e ao seu governo.

Antes de encerrar, eu queria fazer uma saudação a uma companheira, a companheira primeira-dama, Cilia Flores, e gostaria que ela enviasse a todas as mulheres venezuelanas a minha saudação. Para ela eu falei um castelhano tanto quanto... objeto de muitas críticas, mas eu não podia deixar, eu tinha... esqueci na saudação e quero fazer essa retificação, companheira primeira-dama, Cilia Flores.

Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após almoço em homenagem ao Presidente da República Federal da Alemanha, Joachim Gauck São Paulo-SP, 13 de maio de 2013

Excelentíssimo senhor Joachim Gauck, presidente da República Federal da Alemanha. Senhores e senhoras ministros de Estado e integrantes das delegações da Alemanha e do Brasil.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas. Posso falar para vocês? É a primeira vez que me agradeceram. Muito obrigada.

Tive a satisfação de encontrar-me hoje aqui, em São Paulo, com o presidente da República Federal da Alemanha, senhor Joachim Gauck, que nos honra com sua primeira visita ao Brasil. É com prazer que manifesto minha admiração por sua história pessoal de defesa dos direitos humanos e da democracia. Tenho grande admiração por seu ativismo e trabalho para promover a verdade e a reconciliação na Alemanha reunificada. Inclusive,

pedi a ele o acesso a eventuais arquivos existentes na Alemanha que possam beneficiar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade.

Sua presença entre nós evidencia a excelência do relacionamento entre Alemanha e Brasil, expressa claramente que nossos laços transcendem governos e envolvem as duas sociedades de uma forma muito próxima. Essa proximidade se expressa no Encontro Econômico Brasil-Alemanha, em sua 31ª edição, o mais longo dos encontros econômicos entre o Brasil e qualquer outra nação. Pois bem, nessa sua 31ª edição, ele mostra, esse encontro, o elevado grau de interação entre os empresários dos dois lados e a imensa contribuição ao desenvolvimento brasileiro, dado pelos empresários alemães e pelo povo alemão nas últimas décadas.

Reiterei ao presidente Gauck meu desejo de aprofundar a parceria estratégica que Alemanha e Brasil mantêm entre si, desde 2002. A Alemanha foi, em 2012, o 4º parceiro comercial, o 4º maior parceiro comercial do Brasil, e o maior parceiro do Brasil na União Europeia. O Brasil tornou-se recentemente o 5º maior investidor externo na Europa, com crescente presença na Alemanha. Em torno de 1,6 mil empresários estão no Brasil, em torno de 50 empresários alemães estão no Brasil, em torno de 50 empresários brasileiros estão hoje na Alemanha. Isso é algo a comemorar, principalmente no que se refere à participação, à novidade da participação de empresários brasileiros na Alemanha. Nós precisamos continuar a aumentar os fluxos recíprocos de comércio e investimento entre nossos dois países. É importante também intensificar nosso intercâmbio comercial, ampliando a participação de bens de maior valor agregado na pauta de exportações brasileiras.

Estimular parceria entre as pequenas e médias empresas dos dois lados, fomentando investimentos, joint-ventures, parcerias societárias, é um dos vetores da cooperação bilateral pelos benefícios que os projetos conjuntos podem trazer aos nossos países, seja propriamente na área comercial, seja na área de pesquisa e desenvolvimento, seja em todos os setores do nosso relacionamento bilateral.

Eu disse ao presidente Gauck da importância que nós conferimos também às parcerias na área de ciência, tecnologia e inovação. Manifestei meu interesse na relação entre a Embrapii, a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial, e a Fraunhofer, e também a excelente acolhida que a Alemanha vem dando aos estudantes do Programa Ciência Sem Fronteiras.

Hoje, quase 2 mil brasileiros estão sendo acolhidos em universidades e centros de pesquisa alemães e se beneficiarão notavelmente dos avanços que existem na Alemanha na área de inovação, pesquisa tecnológica.

Estamos seguros de que ao regressar ao Brasil, esses estudantes darão sua contribuição para incorporar inovação nos processos produtivos de companhias aqui instaladas em benefício de toda a sociedade brasileira. Na esfera cultural, o principal evento neste ano é a participação do Brasil como convidado de honra na Feira do Livro, em Frankfurt, em outubro. Esperamos esse importante evento para projetar a cultura e a literatura brasileiras na sociedade alemã, e também no Brasil despertar o interesse por tudo o que diga respeito à cultura alemã.

Tratamos, ainda, de outros temas, que são temas que mostram a convergência entre as nossas sociedades, principalmente pelo fato de sermos sociedades democráticas e

plurais. Em especial na questão do desenvolvimento sustentável coincidimos com a importância do multilateralismo na questão do desenvolvimento sustentável e da alta relevância tida pela Rio+20. Temos um desafio comum: colocar em prática os resultados alcançados. Assinalei a necessidade de sempre integrarmos as dimensões de crescimento econômico, inclusão social e proteção ambiental.

Quero finalizar prestando, de público, o agradecimento do governo brasileiro pela visita do presidente Gauck ao Brasil e por sua participação no encontro econômico e no lançamento da temporada da Alemanha no Brasil.

Os gestos de aproximação entre o Brasil e a Alemanha nos últimos tempos têm sido muitos. São gestos que demonstram a alta relevância de nosso relacionamento bilateral e a qualidade e a amplitude da parceria estratégica que queremos construir juntos. Eu, pessoalmente, acertei com a chanceler Merkel a importância, de comum acordo entre nós, de fazer de forma mais estreita a nossa colaboração, e principalmente as reuniões de parte a parte. Isso significa uma redução do tempo que esperamos por esses encontros.

Estamos prevendo o próximo encontro para o ano que vem e tenho certeza que, com essa presença agora do presidente Gauck aqui, com a ida do vice-presidente à Alemanha, com os vários encontros que eu tive com a chanceler Merkel, nós teremos, cada vez mais, essa parceria que envolve a sociedade brasileira e a sociedade alemã, as empresas brasileiras e as empresas alemãs, o governo brasileiro e o governo alemão. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Encontro Brasil-Alemanha – EEBA 2013
São Paulo-SP, 13 de maio de 2013**

Boa tarde a todos.

Excelentíssimo senhor Joachim Gauck, presidente da República Federal da Alemanha,
Senhor Geraldo Alckmin, governador de São Paulo,
Senhor Fernando Haddad, prefeito de São Paulo,
Ministros de Estado que me acompanham: Antonio Patriota, das Relações Exteriores;
Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Aloizio Mercadante; Helena Chagas; Guilherme Afif Domingos, da Secretaria da Micro e Pequena Empresa.

Governador da Bahia, Jaques Wagner,

Governador do Espírito Santo,

Senhoras e senhores integrantes da delegação alemã: David Gill, secretário-executivo e chefe do gabinete presidencial; Anne Ruth Herkes, secretária-executiva do Ministério Federal de Economia e Tecnologia; Harald Braun, secretário-executivo do Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros; Hans-Jürgen Beerfeltz, secretário-executivo do Ministério Federal de Cooperação Econômica.

Senhores embaixadores,

Senhor Robson Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria, e senhor Ulrich Grillo, presidente da Confederação das Indústrias Alemãs-BDI, por intermédio dos

quais eu quero cumprimentar todas as senhoras e senhores empresários da Alemanha e do Brasil presentes neste encontro.

Queria cumprimentar o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, senhor Paulo Skaf,

Senhoras e senhores jornalistas,

Senhoras e senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Excelentíssimo senhor presidente Joachim Gauck,

Nossa presença hoje, nesta 31ª edição do Encontro Brasil-Alemanha testemunha a importância do relacionamento entre nossos países. Para o Brasil, esta edição deste encontro demonstra um dado importante: este é o encontro econômico com o maior número de sessões já realizados entre o Brasil e qualquer outro país. E evidencia, é mais um dado evidenciando que a relação econômica Brasil-Alemanha é um dos casos mais exitosos de relacionamento entre dois países, duas sociedades, empresários e governos. Estima-se que cheguem a 1.600 as empresas alemãs instaladas no Brasil. Isso é algo extremamente significativo e mostra a presença de uma relação para além do intuito de cooperar, mas mostra uma relação quase espontânea no sentido de ver no Brasil uma oportunidade de estabelecimento, assim como milhões de integrantes da nacionalidade alemã vieram para o Brasil em... durante as várias levadas de colonização que aqui ocorreram e hoje integram e formam a nação brasileira.

Essas indústrias dão uma... essas empresas dão uma contribuição importante ao PIB, em torno de... entre... uns dizem 8,5 [%], os dados apontam para algo entre 12%, e nós estamos na cidade considerada a maior cidade industrial alemã fora da Alemanha. São dados simbólicos que mostram isso que eu estou dizendo que é a presença na formação da nacionalidade brasileira deste veio trazido pelos nossos colonos alemães e ampliados ao longo do tempo.

Eu sei que hoje as grandes empresas alemãs seguem investindo e reinvestindo capitais produtivos no Brasil, especialmente no setor industrial. Paralelamente verifica-se, com satisfação crescente para todos aqueles interessados nesse relacionamento, ser importante e crescente o número de empresas brasileiras – e eu acho essa uma novidade –, cerca de 50, que se instalaram na Alemanha com investimentos que, segundo as estatísticas alemãs, cresceram à taxa de 6,5% ao ano, de 2005 a 2010.

Hoje a Alemanha é o quarto parceiro comercial do Brasil e o maior dentro da União Europeia. Somos, por outro lado, o maior parceiro da Alemanha na América Latina. Nosso comércio bilateral foi de cerca de 21 bilhões em 2012. Praticamente triplicou num período de dez anos mesmo considerando o decréscimo resultante da desaceleração econômica mundial durante esse período recente de crise.

Senhor presidente,

Esta bem-sucedida integração das nossas economias, ela não pode ocultar, porém, os riscos resultantes da crise econômico-financeira internacional. Ninguém está a salvo de seus efeitos nefastos. A crise só será superada por meio de mais cooperação e por meio de políticas de desenvolvimento que enfatizem o crescimento inclusivo e o aumento da competitividade. Daí por que eu saúdo, de forma muito forte, o título desta conferência: Cooperação para a competitividade. O Brasil segue esse caminho, do crescimento

inclusivo e do aumento da competitividade como um dos mecanismos, junto com a cooperação, para se enfrentar a crise.

Nós fomos o país, por exemplo, segundo o Fundo Monetário, que, entre 2008, quando começa a crise, até 2012, mais reduziu o desemprego. Estamos, ao mesmo tempo, procurando todas as formas e o fazendo, sistematicamente, todas as formas para enfrentar o desafio de elevar a nossa competitividade. Nós viemos promovendo uma transformação nas condições macroeconômicas do nosso país. De 2002 até 2012 nós fomos capazes de reduzir a nossa dívida pública de 60,4% do Produto Interno Bruto para 35,2 [%] do Produto Interno Bruto, o que, para nós, é muito importante e também diante do mundo que vive um processo em que a participação da dívida sobre o PIB atinge valores percentuais muito mais significativos.

Acumulamos também um volume de reservas que monta a US\$ 376,5 bilhões no momento atual e que nos permitiu, nos últimos tempos, fazer face a todas as flutuações, mas, sobretudo também a contribuir com o Fundo Monetário quando se tratava de construir muros de contenção da crise econômica.

Esse salto na consolidação fiscal no Brasil é fruto de uma política que aumentou os gastos com investimento e reduziu os gastos de custeio e também o déficit da Previdência, e, ao mesmo tempo, acelerou o crescimento. Nós conseguimos robustez fiscal, não só através de uma política de gastos austera, mas, sobretudo de uma política também de crescimento. É essa combinação que foi virtuosa para o Brasil.

Estamos, nos últimos dez anos, ampliando o emprego e chegamos a criar, nesses últimos dez anos, 19 milhões e 300 mil novos postos de trabalho. Somente nos últimos dois anos e quatro meses do meu governo criamos 3 milhões e 900 mil novas vagas. Isso resultou numa redução dos desempregados. Em março de 2013 esse percentual de desempregados em relação à população economicamente ativa chegou a 5,7%.

Senhor presidente,

Nós acreditamos que a ampliação do emprego, os programas de renda, como o Bolsa Família, o Brasil sem Miséria, o crescimento da pequena agricultura, dos pequenos negócios, assim como a expansão da indústria, do agronegócio, do setor serviços produziram uma expressiva mobilidade social no Brasil. Mais de 40 milhões de pessoas chegaram à classe média e 36 milhões deixaram a pobreza extrema.

Com isso o Brasil se consolida como um país de classe média, com mais de 100 milhões de brasileiros só nessa faixa de renda. Trata-se, senhor presidente, de um crescimento significativo do nosso mercado interno, pois também houve um aumento da riqueza tanto no movimento que retira da miséria contingentes expressivos da nossa população quanto na elevação de renda das camadas mais ricas. Esse forte aumento da renda e do emprego assegurou, sem sombra de dúvida, uma expansão, tanto dos consumidores quanto do comércio e do varejo que foi, no último ano, se você considera... se se considerar entre março de [20]12 a março e [20]13, em torno de 7,4%.

E aí, apesar de possuímos um mercado interno sólido, o recrudescimento da crise e sua longa duração não deixaram a economia brasileira incólume. As volumosas injeções monetárias nos países ricos pressionaram pela valorização das moedas de países em desenvolvimento, afetando a competitividade de nossos produtos, entre outros fatores. Buscando elevar justamente a competitividade das empresas brasileiras, criar um

ambiente mais amigável para os negócios, o governo vem tomando diversas medidas para eliminar gargalos e reduzir os custos da produção no país, tornando, sem dúvida, mais atrativa para as diferentes empresas a atuação no Brasil e aqui, em especial, das empresas alemãs.

Alguns exemplos dessas medidas foram e são: a racionalização e a redução de impostos; na indústria, por exemplo, a redução da tributação sobre a folha de pagamento; a unificação tributária das pequenas empresas, para as pequenas empresas; a desoneração da cesta básica. No que se refere à área financeira: a convergência dos juros para patamares mais próximos daqueles praticados no mercado internacional. Outro item importante: a redução do custo da energia, em média de 20,2%, que atinge, sobretudo, a indústria, que usa energia em alta tensão.

E, nesse cenário, é fundamental a parceria estabelecida entre o governo federal e a Confederação Nacional da Indústria, em torno do programa de formação de mão de obra no Brasil, o que permite, necessariamente, uma melhoria da produtividade, através da aplicação da educação, através da aplicação da formação profissional para os nossos trabalhadores e trabalhadoras, e eu queria destacar algo que mostra a enormidade das oportunidades que o Brasil abre, principalmente quando se trata da superação de um gargalo, que é a ampliação da infraestrutura, tanto crucial para a nossa competitividade, mas também, sem sombra de dúvida, um segmento que mostra enormes oportunidades no que se refere a investimentos nessa atividade.

Por exemplo, se somarmos logística e energia, nós teremos um investimento de um pouco mais de US\$ 233 bilhões. Mas os 50% desse volume de investimento será destinado ao setor de logística – transporte, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos –, e nós hoje estamos num momento muito importante que é a votação da Lei dos Portos, que tem por objetivo abrir os portos brasileiros ao investimento privado, gerando competição, maior eficiência e modicidade nos custos.

Estamos também retomando, em 2013, as licitações para exploração de blocos de petróleo e gás no Brasil. A nossa estimativa é mobilizar cerca de 80 bilhões nas três rodadas de licitação que serão realizadas este ano. Nesta semana, na terça e na quarta-feira, será realizada a 11ª rodada para exploração de petróleo na modalidade de concessão. São 289 blocos exploratórios e um interesse, já, de 64 países... aliás, de 64 empresas de 20 países e, no final do ano, nós teremos mais duas rodadas: uma de partilha, em áreas do pré-sal, que tem, sem sombra de dúvida, reconhecida vantagem no que se refere a reservas de petróleo; e também na exploração de gás convencional e não convencional.

Eu destaco essas razões para evidenciar que, além da participação das empresas nessas áreas, todas essas atividades fornecem importantes estímulos à cadeia produtiva de setores, de equipamentos, máquinas e serviços, devido à ampliação da demanda. E a ampliação da demanda por esses equipamentos, bens e serviços, cria, sem sombra de dúvida, grandes oportunidades de investimento.

Eu sei que as empresas alemãs acompanham com interesse essas oportunidades que se abrem no Brasil. Com sua grande experiência e alta capacitação tecnológica e gerencial, elas serão presença nessas licitações ou como fornecedoras de equipamentos e serviços. E eu reforço meu convite para que elas participem desses grandes projetos no Brasil.

Senhor presidente,

Nós acreditamos, como a Alemanha, que o comércio internacional pode contribuir sobremaneira para a superação da atual crise, até porque a sua redução tem sido uma das correias de transmissão da crise para o resto do mundo. Daí porque a importância da cooperação nessa área. Sem sombra de dúvida, a eleição de um brasileiro para a Organização Mundial do Comércio, além de nos orgulhar, nos traz também a certeza de que a OMC será fortalecida na busca por um acordo multilateral de comércio.

Eu queria destacar a importância do acordo de associação entre Mercosul e União Europeia, ou seja, do Acordo Comercial entre Mercosul e a União Europeia, e enfatizar que ele será muito importante para ampliar as relações entre o Brasil e a Alemanha dentro desse quadro de relações birregionais. A mútua vontade política das partes para concluir as negociações foi reafirmada na última Cúpula Brasil-União Europeia, em janeiro deste ano. E o Brasil, junto com seus sócios do Mercosul, vai trabalhar por um acordo ambicioso, abrangente e equilibrado.

Senhor presidente,

As exportações brasileiras para a Alemanha estão limitadas a um número relativamente pequeno de grandes firmas. No sentido inverso, as exportações alemãs englobam grande número de empresas, muitas das quais médias e pequenas, em torno, parece, de 90%, que produzem bens de alto valor agregado. Esse é o nosso desafio no Brasil: elevar e tornar estratégico o número de pequenas, médias e micro empresas que possam desenvolver inovações, agregar valor e ter a capacidade de serem componentes de um tecido social que, como no caso da Alemanha, se torna mais resistente diante das flutuações e das crises.

Logo no início do meu governo, eu encaminhei ao Congresso Nacional a proposta da criação de uma secretaria da micro e pequena empresa, o que se concretizou na semana passada com a posse do ministro Afif Domingos, uma reconhecida liderança brasileira no setor dos pequenos negócios.

Assim, eu queria dizer a todos que as chamadas micro, pequenas e médias empresas passam a ter um espaço institucional que garantirá atenção exclusiva a suas necessidades, a seus interesses, ao seu desenvolvimento, ou seja, linhas de crédito, apoio institucional, desburocratização, racionalização tributária e celeridade.

Essas empresas têm um papel importante a desempenhar não só no comércio exterior brasileiro, mas no desenvolvimento de atividades em várias áreas, desde a recuperação de petróleo em poços maduros, passando pelo setor de serviços que, em sociedades que em processo de crescimento se desenvolvem aceleradamente, como também, se considerarmos a pequena agricultura familiar, no fortalecimento do fornecimento de alimentos para o Brasil.

Aqui como em outros setores, o exemplo da Alemanha e a troca de experiências bilaterais entre nós tem profunda importância e grande significado. A criação do fórum de pequenas e médias empresas durante o Encontro Econômico Brasil-Alemanha, no Rio de Janeiro, em setembro de 2012, foi um passo muito importante para o aumento da participação dessas empresas no comércio bilateral. Um segundo fórum de médias, pequenas e micro empresas ocorreu em Frankfurt, em julho de 2012.

Neste encontro, essa salutar iniciativa se consolida. Faço votos, portanto, que projetos concretos possam avançar nesse campo em benefício do aprofundamento e da dinamização das relações teuto-brasileiras.

A presença maior e mais dinâmica dos pequenos e médios negócios de investimento direto por meio de parcerias acionárias, joint-ventures, bem como no intercâmbio comercial vai abrir oportunidades mútuas e fortalecer a base industrial e tecnológica do nosso país.

Em março de 2012, eu inaugurei com a chanceler Angela Merkel, a CeBIT, a Feira de Automação da Tecnologia da Informação e Telecomunicações, em Hannover, e, naquela oportunidade, e depois quando nós nos encontramos, mais recentemente, na Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da América Latina e da União Europeia, em Santiago, eu assinalo que o Brasil deseja ter, com a Alemanha, uma parceria de convergência, em que os nossos dois países somem esforços para juntos enfrentarmos os desafios da globalização.

Cumpra consolidar um relacionamento maduro entre as grandes e modernas economias, mesmo que em fases diferenciadas de desenvolvimento. Cumpra reconhecer as diferenças que essas assimetrias de estados diferentes de desenvolvimento colocam diante de nós, e tudo isso deve ser orientado por uma visão econômico-estratégica, alicerçada na agregação de valor, as trocas bilaterais e numa estratégia de ganha-ganha para ambas as partes.

Senhor presidente,

Eu gostaria de ressaltar também os avanços e o caráter estratégico de nossa cooperação em ciência, tecnologia e inovação.

Nesse campo, uma das nossas iniciativas é o Programa Ciência sem Fronteiras, também uma parceria entre o governo federal e o setor privado, no Brasil. Hoje, nós temos cerca de dois mil estudantes brasileiros na Alemanha, e esperamos que, até 2014, mais 10 mil vagas estejam disponíveis para brasileiros, nas universidades alemãs. O Programa prevê também bolsa para pesquisadores alemães virem ao Brasil e compartilharem seu conhecimento. Para nós, do Brasil, a Alemanha é fonte de inspiração para algumas de nossas políticas, no campo da ciência e da inovação. A Empresa Brasileira de Pesquisa Industrial e Inovação, a Embrapii, por exemplo, tomou como modelo a Sociedade Fraunhofer, que há mais de 60 anos ajuda empresas de todos os tamanhos, na Alemanha, a inovar. A Fraunhofer oferecerá não só o modelo teórico, mas, também, treinamento, a capacitação e a auditoria para a rápida entrada em operação da Embrapii.

Para encerrar, senhor presidente, além de falar da importância que nos une em várias outras áreas de atividade, eu queria enfatizar como nós compartilhamos uma visão a respeito da importância do desenvolvimento sustentável no mundo, no momento em que nós saímos da última Conferência Rio+20 com uma proposta clara de que é possível crescer, incluir, conservar e preservar. Tenho certeza de que a opção do Brasil por energia limpa está configurada na sua matriz energética e, também, na matriz de combustível. E, ao mesmo tempo, todas as iniciativas de energia renovável e limpa desenvolvidas na Alemanha convergem para que tenhamos uma posição única, no que se refere ao desenvolvimento sustentável.

E gostaria também, senhor presidente, de agradecer a presença do senhor e de todos os participantes da sua comitiva aqui, hoje. Faço também um chamado aos empresários aqui presentes: neste ano em que nós temos o Ano Brasil-Alemanha, eu acredito que a contribuição dos empresários é complementar a tudo aquilo que possa ser feito nessa iniciativa de cooperação, que abrange a área cultural, por exemplo, a participação do Brasil na Feira de Frankfurt, todas as atividades que se desenrolarão aqui.

Eu quero assegurar que o meu governo tem se esforçado para criar o melhor ambiente de negócio, de permitir o desenvolvimento das relações entre o Brasil e a Alemanha. Nós construímos as ruas e as avenidas com oportunidades, mas são os senhores empresários que devem transitar por essas avenidas e essas ruas construídas pelo governo alemão e pelo governo brasileiro. Cabe aos senhores empresários dar vida a esse intercâmbio. São as empresas dos dois países que investem, importam, exportam, criam valor, criam *joint ventures*, cooperação em inovação e aproximam nossos povos.

Por isso, eu acredito que o ano se abre muito bem, principalmente nessa 31ª edição do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, cujo tema tem extrema atualidade, não só para a economia do Brasil e da Alemanha, mas, também, da América Latina e da União Europeia.

Muito obrigada, senhor presidente. Agradeço a todos os empresários presentes, e espero que todos nós tenhamos a responsabilidade na altura, à altura, aliás, dos desafios que uma parceria com tantos anos de duração, que se estende por mais de um século e que faz parte, no caso do Brasil, da sua formação nacional, que essa parceria seja, de fato, muito bem-sucedida e nós estejamos à altura dela.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Estádio Nacional Mané Garrincha
Brasília-DF, 18 de maio de 2013**

Eu queria cumprimentar o nosso governador, Agnelo Queiroz, e a nossa primeira-dama, Ilza Queiroz. Hoje a festa é aqui da cidade e do Distrito Federal, da cidade de Brasília e do Distrito Federal. A festa é também dos trabalhadores e das trabalhadoras que construíram este estádio, a festa é da Marluce, engenheira, que representa o esforço do governo e o esforço de todos os governos na construção desse estádio e a festa é de todos nós, de cada um de nós.

Eu queria cumprimentar, então, as autoridades aqui presentes, cumprimentando o presidente do Senado Federal, Renan Calheiros; os embaixadores acreditados junto ao meu governo e aproveito para cumprimentar também o Roberto Azevêdo, que é o brasileiro eleito para a Organização Mundial do Comércio.

Cumprimento também os ministros de Estado que aqui me acompanham: Em especial, o nosso ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, que tem sido um lutador e que tem demonstrado a capacidade do Brasil de fazer todo o possível e Aldo também faz o impossível para que nós tenhamos uma Copa das Confederações, uma Copa do Mundo e uma Olimpíada absolutamente inesquecíveis no que se refere ao desempenho e também,

sobretudo para nós, a nossa capacidade de receber, a nossa capacidade de acolher e de mostrar que somos capazes, mas eu vou voltar a isso depois.

Queria cumprimentar também o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota; a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello; a ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior; o ministro interino da Aquicultura e Pesca, Átila Maia da Rocha; e a Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Dirigir um cumprimento especial ao nosso outro governador, responsável pela entrega do primeiro estádio, vamos lembrar bem, primeiro estádio em Fortaleza, o nosso governador Cid Gomes, governador do Ceará.

Cumprimentar o vice-governador do Distrito Federal, Tadeu Filippelli; cumprimentar o deputado Wasny de Roure, presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal; o senador pelo Distrito Federal Gim Argello; os deputados federais Domingos Dutra, Magela, Policarpo e Vitor Paulo; o coordenador do grupo executivo do governo federal para a Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014, Luis Fernandes; o chefe executivo do Comitê Organizador local da Copa, Ricardo Tradi; o embaixador – eu já cumprimentei – Roberto Azevêdo, mais uma vez.

Eu queria dirigir um cumprimento especial, em nome de quem eu vou cumprimentar todos os secretários, ao nosso Berg, Berg Barbosa, não vou falar Swedenberger, em nome de quem eu vou cumprimentar todos os demais secretários e secretárias do Distrito Federal.

Cumprimentar os senhores empresários, que contribuíram e que também são os homenageados dessa festa: o consórcio integrado pela Via e pela Andrade Gutierrez. Queria também cumprimentar os trabalhadores que construíram a capacidade que o Brasil tem nas últimas, nos últimos eventos que eu participei: de Fortaleza, cumprimentar aqueles trabalhadores e em nome deles eu cumprimento todos os trabalhadores lá do Ceará; os de Minas Gerais, do governador Anastasia, que entregaram... Os trabalhadores também que na Bahia entregaram a Fonte Nova; os trabalhadores que fizeram o Maracanã; os trabalhadores que estão fazendo agora o Mané Garrincha. São os trabalhadores desse país que participam nesse imenso esforço que vai ser receber agora em junho a Copa das Confederações.

Cumprimentar também os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu primeiro começo voltando a um tema, ao tema que vocês estão lembrados que há um ano e meio atrás, mais ou menos, ou até um ano atrás, diziam que nós não iríamos construir os estádios, que eles não ficariam prontos. Pois o que nós estamos vendo são estádios construídos e sendo entregues. E não são quaisquer estádios. Ao dizer da beleza desse Estádio Mané Garrincha, eu queria dizer para vocês que em todos eles me deu extremo orgulho de notar primeiro a qualidade das instalações, a modernidade das instalações, o critério de fazer construções sólidas, mas simples, e ao mesmo tempo belas. Isto é algo que é uma demonstração da capacidade de nós brasileiros, juntos, realizarmos aquilo que muitos pessimistas de plantão dizem sempre que nós não somos capazes.

Por isso, a gente vai acumulando, a gente vai acumulando vitórias. Começamos lá em Fortaleza e agora já estamos em Brasília e segunda-feira iremos para Pernambuco, fechando o ciclo dos seis estádios da Copa das Confederações.

E ao mesmo tempo, eu acho que nós aqui estamos fazendo uma homenagem histórica a um grande, mas um grande atleta brasileiro que é Mané Garrincha. Essa homenagem é muito precisa e merecida, feita na capital federal do nosso país, Brasília. É a homenagem a um atleta brasileiro que era um gênio na arte do futebol, um grande improvisador, um grande improvisador que tinha na imensa capacidade de jogar futebol sua arma para demonstrar para o mundo e para o Brasil aquilo que o nosso grande cronista esportivo, Nelson Rodrigues, disse que era algo que o Brasil tinha que superar que era o complexo de vira-lata.

O Garrincha, na sua simplicidade, era um jogador que demonstrou que o Brasil não era de maneira alguma, nem tinha por que, era um vencedor, e não tinha porque ter esse arraigado complexo de vira-lata que o nosso cronista esportivo Nelson Rodrigues, um dos maiores teatrólogos do nosso país, nas vésperas da Copa do Mundo, da Copa da Suécia, denunciou a existência pela quantidade de gente que previa um fracasso.

Pois muito bem, nós temos superado, de forma bastante radical, essa atitude diante da vida nacional, da vida política, da vida econômica e da vida social do nosso país. Os milhares de trabalhadores que colocaram de pé esses seis estádios que concluem essa etapa, eles demonstram a capacidade dos nossos trabalhadores no que se refere a desafios a eles colocados, os nossos empresários também. O Brasil demonstrou que tem capacidade de financiar estádios, eles foram financiados com recursos nacionais. Portanto, quando o governador informa a todos nós que além disso, esse estádio terá uma certificação leed platinum, ele está informando algo também importantíssimo: nós fazemos o que fazemos com qualidade, com qualidade que nos coloca no protagonismo e na liderança de padrões de sustentabilidade. Então não é um improviso, é a busca de padrões de qualidade cada vez de mais alto nível.

Eu queria também dizer que esse quinto estádio concluído ele demonstra que nós, como sempre informa, sistemática e guerreiramente o nosso ministro dos Esportes, esses seis estádios demonstram a nossa capacidade, a nossa competência e a nossa determinação em construir mais seis estádios. Nós teremos uma Copa do Mundo, vejam bem, em um país continental, que receberá tanto os contendores como os que são convidados para essa festa, tanto nacionais como turistas internacionais, nós receberemos com um padrão de qualidade, eu asseguro a vocês, de alto nível, nas doze cidades da Copa. E acredito que faremos a melhor Copa de todos os tempos.

Eu queria aproveitar e dizer que esse fato ele integra um conjunto de fatos que têm acontecido no nosso país e que demonstra que nós somos capazes, que nós temos todas as condições e mais, que nós estamos realizando. Essa nossa capacidade é demonstrada pelo fato de que nos últimos dois anos e quatro meses, nós criamos, segundo o último Caged, 4 milhões de empregos, alguns deles aqui nos estádios. Demonstra-se pelo fato que o Brasil está progressivamente mantendo todas as condições para ter um desenvolvimento não só do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista social, construindo um dos maiores mercados internos. Por que? Este é um valor inestimável em um mundo em crise. É um valor inestimável. Nós temos hoje só na classe C mais de 100 milhões de pessoas. Se somarmos a classe C, a A e a B, dá em torno de uns 128 milhões de pessoas e temos progressivamente retirado da miséria extrema e

elevado à condição – ainda não é a que nós queremos, porque queremos um país de classe média – os restantes brasileiros que viviam na extrema pobreza.

Eu queria dizer para vocês uma coisa. Tudo isso, tudo isso vem junto com todos os desafios desse país. Um desafio que é a educação, é garantir que o nosso povo tenha de fato uma trajetória de crescimento e de desenvolvimento pela educação. O outro desafio é de termos cada vez mais um país democrático, em que as instituições sejam respeitadas, em que nós tenhamos todas as condições, não só de participação, mas de respeito aos direitos humanos, a representatividade política, enfim, que nós sejamos esse país que estamos sendo, capazes de conviver com a divergência, porque a democracia não é a paz dos cemitérios, a paz dos cemitérios é a ditadura. A democracia é o convívio com posições diferentes, é ser capazes de conviver com posições diferentes. E, além disso, eu aproveito o dia de hoje para agradecer ao Congresso Nacional a aprovação da Medida Provisória dos Portos, agora projeto, aliás, agora Lei em definitivo.

Queria também, mais uma vez, cumprimentar e dizer que nós esperamos que a mesma competência ocorra dentro do campo. Todos nós, eu diria que é o sonho de cada um de nós, que é que nós tenhamos essa... aliado à competência, a sorte de ter um excelente desempenho na Copa das Confederações. Até lá, vamos torcer, ou pelo Brasiliense ou pelo Brasília, ou por Santos ou pelo Flamengo, cada um que torça para o seu. Cada um que torça para o seu.

Um dado que me chamou bastante atenção e me disseram o seguinte: que para o jogo Santos x Flamengo, ou Flamengo x Santos, todos os 60 mil ingressos, aliás, já estariam vendidos 60 mil ingressos, o que é de fato algo muito significativo porque ele é daqui a duas semanas.

E eu desejo então que esse espaço não só seja usado para jogo de futebol, mas como o governador disse, é uma arena multiuso, e uma arena multiuso é um espaço para várias atividades: atividades culturais, atividades esportivas, educacionais e isso significa também a possibilidade aqui de uso comercial desta arena. Eu considero, portanto, um avanço no Brasil nós termos sido capazes de nesse período em que ganhamos a Copa do Mundo e que tivemos obviamente, como pré-estreia da Copa do Mundo a Copa das Confederações, a capacidade de construir de forma a dar um legado para a população, a deixar uma herança para a população, espaços de convívio social, cultural, educacional, que mostram necessariamente que o Brasil também está evoluindo, com uma sociedade de classe média, está evoluindo de desejos, anseios e pleitos.

Cada vez mais esse país quererá, cada vez mais teremos que nos mobilizar para oferecer atividades que são aquelas que não são só o pão, mas que são a capacidade de entreter a alma. Parabéns para você, governador. Hoje é a sua festa.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva à primeira viagem do navio petroleiro “Zumbi dos Palmares” Ipojuca-PE, 20 de maio de 2013

Eu só posso começar cumprimentando as trabalhadoras e os trabalhadores metalúrgicos e marítimos aqui desse estado guerreiro, o estado de Pernambuco. Cumprimento vocês

e, sobretudo agradeço, agradeço vocês. Por mostrar que o Brasil pode sim construir um navio desse tamanho, um gigante desse tamanho chamado Zumbi dos Palmares.

E aí eu queria também dizer a vocês que esse processo foi um processo longo. Quando eu olho para trás, eu lembro que nós saímos, em 2003, na indústria naval do Brasil inteiro, tinham dois mil trabalhadores, e hoje são 54 mil. É uma história de conquista, e nessa história vocês são os vitoriosos.

Querido governador de Pernambuco, Eduardo Campos;

Querida Renata Campos;

Querido senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal;

Prefeito de Ipojuca, Carlos Santana;

Ministros e ministras de Estado que me acompanham: Edison Lobão, de Minas e Energia;

Fernando Bezerra, da Integração Nacional, pernambucano; Aldo Rebelo, do Esporte;

Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação;

Prefeito do Recife, senhor Geraldo Júlio;

Senhores senadores Armando Monteiro e Humberto Costa;

Senhores deputados federais Eduardo da Fonte; Fernando Ferro; João Paulo Lima; Pedro Eugênio; Severino Ninho;

Senhora Maria das Graças Silva Foster, presidente da Petrobras; e Sérgio Machado, presidente da Transpetro. Ao cumprimentar ambos eu saúdo todos os diretores e funcionários da Petrobras e das subsidiárias da Petrobras aqui presentes.

Querida diretora geral da Agência Nacional do Petróleo, Magda Chambriard;

Senhoras e senhores empresários do estaleiro Atlântico Sul, responsáveis pela construção do navio Zumbi dos Palmares;

Senhor Carlos Alberto Costa, comandante do Zumbi dos Palmares;

Senhor Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação da Construção Naval e Off-shore (Sinnaval);

Senhor Ricardo Ponzi, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores do Transporte Aquaviário;

Senhor José Antonio Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros;

Eu queria cumprimentar, aqui, a Zezé Motta, cuja interpretação traduziu toda a força, toda a verdade da poesia, expressando esse resgate do Zumbi dos Palmares, um grande brasileiro, responsável pela nossa dignidade, que lutou contra a absurda, a condenável, a lamentável discriminação mais grave, porque escravizava populações negras do Brasil.

Querida cumprimentar também a Vânia Lúcia Claudino, funcionária da Transpetro, madrinha do Zumbi dos Palmares.

Minhas queridas Vanessa Cunha e Divanete Maria da Silva, que me saudaram em nome das trabalhadoras e dos trabalhadores dos setores marítimos e metalúrgicos.

Meus caros Janine do Espírito Santo e Vítor Oliveira, em nome de quem saúdo todos os docentes e alunos da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante aqui presentes.

Senhores jornalistas e senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu gostaria de contar para os senhores e para as senhoras aqui presentes um pouco dessa trajetória que leva e desemboca na construção deste navio, o Zumbi dos Palmares.

Durante a campanha de 2002, o presidente, o candidato a presidente então, o nosso Lula, prometeu na sua campanha que os estaleiros do Brasil não seriam mais entregues às gramas que cresciam por entre as pedras que marcavam o vazio de pessoas que estavam nos estaleiros, que então floresciam principalmente concentrados lá no Rio de Janeiro. O Brasil tinha a segunda potência naval nos anos 80, a segunda potência naval. E um processo extremamente desagregador, desempregador, contra o crescimento autônomo do país tinha destruído essa indústria naval e, como eu disse, reduzido o seu número de trabalhadores a poucos 2 mil trabalhadores e trabalhadoras, que basicamente faziam a manutenção, que não construíam mais nenhum navio, nenhuma plataforma, jamais tinham construído sondas. Quando o presidente é eleito pelo voto dos brasileiros e das brasileiras, o presidente Lula, ele me escolheu como ministra de Minas e Energia e, logo no início do governo – ele tomou posse em janeiro –, no início do governo ele me chamou e disse: “Ministra, vamos construir aqui o que puder ser construído aqui. Então, fica a sua responsabilidade garantir que a indústria naval do Brasil ressurgirá”. Aí, então, era minha secretária de petróleo e gás a então... – a agora, né? – presidente da Petrobras, Graça Foster. E eu e a Maria das Graças Foster fomos providenciar que o Brasil voltasse a ter indústria naval.

Nesse processo, encontramos pessoas das mais variadas origens. Encontrei o agora diretor da Promar, Ariovaldo, que representava o Sinnaval junto com outros empresários. Conversamos com muita gente. Naquela época... e eu estou contando isso porque é muito importante que a gente saiba disso. Naquela época, em 2003, diziam para nós: “Ah, o Brasil não consegue construir navios. Sequer conseguirá fazer chapas e unir chapas de aço porque não tem tecnologia para isso”. Insistiam, sistematicamente, na nossa incapacidade: “Nós... o Brasil não é capaz de fazer, e se fizer vai dar errado. Se fizer não vai ser um produto de boa qualidade”.

Nós sabíamos que era fundamental que a capacidade de compra, de demandar plataformas, navios, sonda, navios como este, de transporte, grandes petroleiros, barcas, barcos, embarcações ia ser crescente no Brasil, ia ser cada vez maior. Por isso, a grande preocupação do governo em produzir aqui, porque, caso contrário, a gente ia importar navios e exportar empregos. Muito felizes ficariam os grandes países produtores da indústria naval que, ao contrário de nós, tinham sobrevivido aos anos 80 e 90. Por isso, uma das decisões mais importantes, tomadas ainda durante o governo Lula, foi a política de conteúdo nacional, que era: produzir no Brasil, produzir no Brasil o que era possível produzir no Brasil.

E aí nós conseguimos, através de uma grande mobilização, porque nenhum de nós fazia navios há muito tempo e, portanto, foi necessário, sim, aprender, não tem nenhuma vergonha nisso. Foi importantíssimo que nós tivéssemos ousado trilhar esse caminho da aprendizagem. No início a gente comete alguns erros, mas assim como todos que construíram a sua indústria naval, nós superamos esses erros, os nossos trabalhadores se formaram, se capacitaram, e hoje nós temos, de fato, uma grande indústria naval. E mais: o potencial dessa indústria naval é dado pelos milhões de brasileiros que vão usufruir disso. Primeiro, diretamente os trabalhadores e suas famílias; depois, aquele potencial que, ao se ter trabalhadores qualificados como vocês aqui, vão produzir nas suas regiões.

Foi uma luta. Esta luta significou que o Brasil, hoje, produz plataforma. Aquele país que não poderia produzir nada, hoje produz plataformas, hoje é capaz de fazer este navio. E isso tudo é uma conquista de cada um de nós. Foi preciso a determinação de vocês em aprender solda, montagem, pintura, serem eletricitas, enfim, aprenderem e gostarem da sua profissão. Foi preciso a vontade política e a continuidade, porque uma indústria dessas exige continuidade. Foi preciso a ousadia dos empresários. Foi preciso a determinação política de que o Brasil podia e ia construir navios. Sobretudo foi preciso – e eu tenho certeza que vocês têm isso – um grande amor pelo nosso país, uma grande determinação por nós, que vivemos nesse presente, mas também por nossos filhos e os filhos de nossos filhos.

Eu tenho certeza que hoje, aqui, nós estamos comemorando um momento de muita força do nosso país. E mais uma coisa, a indústria naval, ela não podia nascer concentrada, ou melhor, renascer concentrada, e ela se espalhou pelo Brasil afora. Ela tem hoje, aqui no Estaleiro Atlântico Sul e no Estaleiro Promar, um polo, aqui, forte no Nordeste. Ela tem outro polo na Bahia. Ela tem um polo no Rio de Janeiro, no Espírito Santo, no Rio Grande do Sul. Hoje a indústria naval brasileira, ela perpassa todos esses estados e essas regiões, e leva desenvolvimento e oportunidades para todas essas regiões.

E eu quero, dessa história, contar o melhor para vocês. O melhor não está aqui hoje, no presente só. O presente é o momento que nós temos de comemorar, mas o melhor é o futuro, e acho que uma das coisas importantes que a Graça Foster falou aqui é que a Petrobras vai produzir, daqui a pouco, quatro milhões de barris. Depois ela vai produzir, daqui mais um pouco, cinco milhões de barris. Não há como produzir isso sem construir plataformas, navios, equipamentos. Não há como produzir petróleo sem empregos qualificados.

Portanto, nós estamos falando de uma indústria que tem futuro. Nós estamos falando de uma indústria que vai passar gerações e isso é muito importante porque nós queremos ser não só um grande produtor de petróleo e gás. Nós queremos ser um grande produtor de navios, um grande produtor de plataformas, de equipamentos para a Petrobras. E é isso que fazem aqueles que apostam no país, apostam no seu desenvolvimento, aqueles que apostam no desenvolvimento do país, e não ficam só e simplesmente tratando as questões pelo lado negativo, eles – aqueles que apostam no país –, eles olham o horizonte e sabem que quem constrói o futuro deste país somos nós.

E eu queria dizer mais uma coisa para vocês: não acreditem nos pessimistas e, sobretudo, não acreditem nos boatos, porque os boatos, neste país, às vezes ocorrem de forma surpreendente. Eu queria aproveitar esta oportunidade e falar aqui com vocês. Brasileiros ainda têm e durante algum tempo terão de receber o benefício do Bolsa Família.

Pois muito bem, o que aconteceu no Brasil sábado? Espalhou-se um boato falso, negativo, um boato que leva intranquilidade às famílias mais pobres deste país, que são aquelas que recebem o Bolsa Família. Qual era o boato? O boato era que o governo federal não ia pagar o Bolsa Família. É algo absurdamente desumano o autor desse boato. Por isso, além de ser desumano, ele é criminoso, por isso nós colocamos a Polícia Federal para descobrir a origem de um boato que tinha por objetivo levar a intranquilidade aos milhões de brasileiros que nos últimos dez anos estão saindo da pobreza extrema.

Eu queria deixar, e aproveitar aqui a imprensa e deixar claro: o compromisso do meu governo com o Bolsa Família é um compromisso forte, profundo e definitivo. Nós não abriremos mão do Bolsa Família, assim como não abriremos mão do nosso compromisso com o conteúdo nacional para a indústria naval.

Hoje existem no Brasil, existe no Brasil um cadastro, esse cadastro é um cadastro com 36 milhões de pessoas que precisam do Bolsa Família para poder ter o mínimo de dignidade na vida. Nós temos muito orgulho de ter conseguido que todos esses 36 milhões de brasileiros e brasileiras recebam o mínimo de renda, de R\$ 70 por pessoa. E quero dizer para vocês que esse dinheiro do governo é sagrado, ou seja, nós iremos garantir sempre esse recurso, sempre, enquanto for necessário e tiver algum brasileiro vivendo abaixo da linha da pobreza, nós iremos buscar esse brasileiro, essa família, essa mãe, iremos garantir a ele esse direito de cidadania, que é viver com um mínimo de dignidade no nosso país.

Um governo tem de ter compromissos claros, um governo tem de ter compromissos com aquilo que ele considera fundamental. Um dos meus compromissos é o Bolsa Família e o Programa Brasil Sem Miséria. O outro meu compromisso é o conteúdo local. Eu... vocês podem ter certeza, eu vi esse programa nascer. Algumas vezes nós não sabíamos aonde nos dirigir, como fazer, mas ele deu certo, ele deu certo por esse empenho, e hoje esse compromisso está refletido em 26 estaleiros em operação no país e 11 em implantação. Tem estaleiros grandes, estaleiros médios, estaleiros menores, mas o fato é que esta indústria é uma indústria em crescimento acelerado. E a carteira de encomendas dos estaleiros brasileiros hoje soma quase 400 obras, e, além disso, nós temos a terceira maior carteira de encomenda de petroleiros do mundo.

Então, eu quero dizer a vocês que nesses dois programas – e eu peguei dois programas muito diferentes – têm a vontade política do governo brasileiro de transformar o nosso país numa grande nação, numa nação em que os brasileiros que antes não tinham oportunidades agora tenham. E a gente sai da situação de mais dificuldades, a situação de pobreza, de pobreza extrema através de dois caminhos. Um caminho para os adultos. O caminho para os adultos é o emprego, e aí nós também temos muito orgulho de, nos últimos dez anos, termos criado quase 20 milhões de carteiras assinadas, de oportunidades de trabalho com carteira assinada. Só nos últimos dois anos e quatro meses – e os senhores fazem parte desse número – nós criamos quatro milhões, um pouco mais de quatro milhões de novos empregos com carteira assinada. Esse é um caminho fundamental para a gente garantir um Brasil mais desenvolvido.

O outro caminho é para as crianças e para os jovens. É educação, educação e mais educação, formação profissional, creche, direito de fazer um curso profissionalizante, acesso à universidade, acesso a estudar no exterior.

E eu queria falar para vocês sobre cursos profissionalizantes, cursos profissionais, formação profissional. Em todos os países desenvolvidos, em todos os países desenvolvidos que se prezam, a relação e a importância da formação profissional, da formação técnica profissional, ela é estratégica. Para cada um estudante ou para cada um universitário são cinco técnicos necessários, e a remuneração é muito similar nos países avançados. Nós somos um país que precisamos de formar cada vez mais e melhor seus profissionais.

Por isso, eu considero muito importante que, além do centro tecnológico mencionado aqui pela presidente da Petrobras, nós tenhamos também, na indústria naval, um cuidado muito grande em sistematicamente garantir aos senhores o acesso ao que há de mais moderno na formação profissional. E isso significa que vocês vão ganhar salários melhores, sabe por quê? Porque o trabalho de vocês vai valer mais, cada vez mais, é a qualidade do trabalho de vocês. É fundamental que nós tenhamos essa capacidade de, cada vez mais, melhorar a nossa formação profissional. Nós queremos um país em que todas as pessoas tenham direitos, e o direito começa não só pelo direito democrático de participar, de dar a sua opinião, de dizer o que pensa, de se organizar, de reivindicar, enfim, o direito é isso, mas tem um outro direito que é tão importante quanto: o direito da mãe de querer que seu filho estude numa creche de muito boa qualidade; o direito da mãe de querer que seu filho tenha acesso a escola em tempo integral; que seu filho estude, estude na melhor escola técnica da sua região; o direito da mãe de querer que seu filho entre numa universidade; o direito dos homens de querer um carro, uma casa melhor, um computador para o jovem.

Este país tem de ser um país que assegure o acesso da sua população aos bens de consumo. Por isso também eu vi hoje, na programação, uma coisa que me chamou atenção: era a alegria de uma das moças por sua casa, por sua casa própria. E aí eu quero dizer para vocês que um outro programa que muito me orgulha é o programa Minha Casa, Minha Vida, que leva oportunidade de moradia para milhões de brasileiros.

E, finalmente, eu queria dizer para vocês uma das coisas que é muito importante. Eu anunciei aqui que nós... eu anuncio aqui, aliás, que nós hoje também estaremos, aqui em Pernambuco, inaugurando o sexto estádio para a Copa das Confederações e, com isso, encerrando o primeiro ciclo de estádios para a Copa. Fortaleza, Minas Gerais... Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Brasília e Pernambuco são as cidades da Copa das Confederações. Hoje nós também mostramos, mais uma vez, que nós somos capazes de entregar, em parceria com o governo de Pernambuco, mais um estádio de alta qualidade. Mais um estádio de alta qualidade o governo do estado de Pernambuco, com financiamento do governo federal, entrega para a população de Pernambuco, para o Brasil e para o mundo mais um estádio da Copa das Confederações.

Me mostraram, me mostraram... eu estou muito curiosa porque, governador, me mostraram retratos do estádio e me disseram que é um dos mais bonitos, e eu tenho certeza que eu vou ter mais uma grande felicidade, que é ver um extraordinário estádio de futebol. Por que é importante? Porque também nos estádios diziam: "Ah, eles não vão entregar os estádios! Ah, não vai ficar pronto o estádio!". Pois vocês veem que o estádio não só está pronto como nós vamos entregá-lo.

Eu queria dizer isso aqui porque eu considero este um momento especial para o Brasil, o momento em que nós vamos entrar em campo e jogar o que nós sabemos jogar, jogar bem, que é o futebol, mas, ao mesmo tempo, nós temos de mostrar que o país também joga bem, que o país é capaz de fazer estádios, de cumprir com seus compromissos perante a Fifa e, dentro do estádio e fora dele, apresentar um futebol de alta qualidade.

E eu não poderia deixar de dizer para vocês que, para mim, estar aqui é algo muito importante. Eu tenho feito uma excelente parceria, tanto com as prefeituras, como com o governador do estado, principalmente no que se refere ao combate à seca.

Hoje não é dia da gente falar sobre a seca, mas eu sempre gosto de acrescentar um aspecto. Estaremos também aqui hoje anunciando, já foi anunciado, mas comemorando o fato de que mais um passo foi dado no combate à seca e, junto com o governador e o presidente do Senado, que foi um grande defensor dessa medida, um grande sensibilizador, junto com a bancada de Pernambuco, a bancada federal de Pernambuco e a bancada de senadores, e também a bancada de Alagoas, que é a subvenção para produção de cana-de-açúcar. São esses três eventos que um vim fazer hoje aqui em Pernambuco e quero garantir aos senhores que eu estou muito feliz.

E finalmente eu encerro fazendo uma homenagem, e essa homenagem é sobre uma parte, talvez o veio mais rico da nossa nação, que é aquele que recebeu a contribuição da raça negra. Nós temos hoje o nome nessa embarcação, nesse grande navio petroleiro, Zumbi dos Palmares. Esse nome representa, sem dúvida, a luta contra a escravidão no nosso país, representa algo que tem que estar sempre presente na construção da nossa democracia que é o repúdio à discriminação racial e o absoluto reconhecimento da cultura negra, o reconhecimento de que uma parte fundamental do que nós somos nós recebemos junto com toda a contribuição que passa por todo o nosso povo em termos de alegria, de capacidade de trabalho, de criatividade, de inteligência e de competência da raça negra. Nós temos muito orgulho do Zumbi dos Palmares. Ele é um dos nossos heróis.

E finalmente, mais uma vez, trabalhadoras e trabalhadores, metalúrgicos, marítimos, pernambucanos, brasileiros, nordestinos. É uma imensa honra receber pelas mãos dos senhores, pela capacidade de trabalho dos senhores, pela inteligência dos senhores, esse gigante dos mares, o Zumbi dos Palmares.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante visita à Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco Recife-PE, 20 de maio de 2013

Eu queria cumprimentar os produtores de cana que estão nesta sala e os produtores de cana que estão na sala ao lado.

Querida cumprimentar o Alexandre Andrade Lima, diretor-presidente da União Nordestina dos Produtores de Cana e, por intermédio dele, eu saúdo, mais uma vez, a todos vocês aqui presentes.

Cumprimentar o governador de Pernambuco, Eduardo Campos.

A nossa primeira-dama Renata Campos.

O senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal, que nos acompanha nesse dia de hoje.

Querida cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham: Fernando Bezerra, da Integração Nacional; Aldo Rebelo, do Esporte; Edison Lobão, de Minas e Energia; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Cumprimentar os senhores senadores Humberto Costa e Armando Monteiro Neto,

Cumprimentar o deputado federal Pedro Eugênio,

Cumprimentar o senhor prefeito Geraldo Júlio,

Cumprimentar o senhor Aldo Santos, secretário estadual de Agricultura, Cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu tenho, mais uma vez, muita honra de estar sendo recebida pelos senhores aqui. Eu acredito que esta ação do governo federal, que hoje nós estamos aqui celebrando, ela é fruto, primeiro, da – eu gostaria de fazer esse reconhecimento –, da disposição dos senhores, do processo de reivindicação dos senhores e, portanto, se deve aos senhores. E, em segundo lugar, eu queria reconhecer a importância, na interlocução do governo, dos parlamentares, dos parlamentares do Senado Federal, na pessoa do senador Renan Calheiros, e da Câmara Federal, na pessoa do Pedro Eugênio. Esse foi um processo, também, que articulou o governo federal, o Ministério da Fazenda, o Ministério da Agricultura, assim como o governo do estado de Pernambuco.

Eu gostaria de dizer para os senhores que o governo federal tem perfeita consciência de que existe um diferencial, por várias questões, algumas delas climáticas, outra em relação ao relevo do solo, enfim, a vários fatores, que diferencia a produção de cana do Nordeste do Sudeste, Sul e Centro-Oeste, aliás, mais do Sudeste e Centro-Oeste. E esse fato é que tem sido a base para que nós sistematicamente tenhamos reconhecido a necessidade de uma subvenção econômica, primeiro por essa diferença, segundo, pela importância econômica que os senhores representam nessa região.

Um governo não pode ficar insensível à força econômica em termos de repercussão social. O que é que eu chamo de força econômica que repercute socialmente? O fato de termos aqui, aqui em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em Alagoas, nós termos produtores de cana e também alguns deles produtores também de etanol, que têm tido alguns problemas relativos à sua competitividade no mercado nacional.

Qualquer país do mundo tem que ter consideração pelas diferenciações locais, e certamente os países do mundo têm essa consideração pelos seus produtores, até porque eles geram riquezas, eles produzem de uma forma a garantir a sustentação econômica daquela região. Então vocês podem ter certeza que o governo vem sistematicamente estabelecendo essa subvenção. Nesse processo pelo qual nós estamos passando, agrega-se ao fato, a esse fato, o problema de que a região viveu um forte momento de dificuldades com a seca.

Daí porque nós, inclusive, vetamos a primeira proposta de R\$ 10 porque o pessoal achava que tinha que haver uma discussão mais aprofundada para dar um diferencial, considerado o efeito seca. Isso fez parte da discussão, tanto com o senador Renan, quanto com o Pedro Eugênio. Esse foi o processo.

Eu considero que é muito importante no Brasil que nós tenhamos políticas estruturantes. Isso vale para vocês também. Eu não quero aqui adiantar se vocês vão fazer cogeração, ou se vocês vão fazer outra forma de produção. Até porque a cogeração, mesmo nas áreas mais competitivas, não tem sido extremamente competitiva no que se refere às outras fontes de energia.

Então é importante que nós tenhamos aqui um processo de discussão que leve em conta várias questões que podem assegurar uma renda estável aqui na região. Não só a questão de parte ser transformada em etanol e misturado com a gasolina, mas eu acho que nós temos que ter também uma política para a região do Nordeste, seja o semiárido, o agreste ou até aqui a Zona da Mata, em outros estados também, uma política de

formação de volumoso, porque há que perceber que a inserção dos senhores é uma inserção local estratégica, é muito mais correto nós comprarmos dos senhores do que trazeremos milho lá da Argentina ou do Uruguai.

Nós iremos, nessa... nesse Plano Safra, tanto da agricultura familiar quanto com o Plano Safra da Agricultura Comercial, que nós pretendemos lançar no dia 4 de junho, nós pretendemos ter uma política que contemple como garantiremos aqui nesta região que a seca não seja uma ameaça produtiva. A seca, progressivamente, será... a gente conviverá com ela através de todas as obras estruturantes que nós fazemos para a segurança hídrica. Aqui, por exemplo, o governador está fazendo uma série de adutoras, de barragens, enfim, está construindo obras que têm um efeito estruturante na questão do convívio com a seca no que se refere à segurança hídrica. A chegada também... essa tão ansiada chegada das águas do São Francisco através de toda a construção da interligação de bacias, enfim, uma série de obras que nós estamos fazendo em todos os estados. Lá em Alagoas, por exemplo, o Canal do Sertão Alagoano, e, enfim, em outros estados, em cada um deles, nós temos tido obras para a segurança hídrica.

Mas nós precisamos de ter ações para a segurança produtiva. Uma delas, necessariamente, é integrar a produção aqui, integrar essa produção, garantir um processo de compra, construir mecanismos de seguro e mecanismos de subsídio que permitam esse suporte à agricultura do Nordeste. Não só será mais efetivo, como seguramente será melhor para todos nós – para o governo federal, para o governo dos estados, para os senhores produtores, para todos nós.

Eu fico muito feliz de estar aqui hoje. Eu estive aqui, e quando eu estive aqui eu fiquei muito comovida pela descrição que, naquele momento, os senhores fizeram da situação econômica que os senhores viviam e enfrentavam, e, sobretudo, porque eu olhei para os senhores e o que eu vi? Eu vi um conjunto de pessoas batalhadoras, empreendedoras, lutadoras que tratavam... que estavam brigando pela felicidade da sua família, dos seus, da sua região. Enfim, eu não vi um grupo de pessoas que viviam sem trabalhar e que estavam esperando simplesmente a situação evoluir conforme o clima ou o tempo, pelo contrário, e isso me comoveu bastante.

Explica-se também por conta do que eu conheci aqui e o que eu conheço... eu vou levar essa... eu sempre leio o que vocês escrevem... eu (falha no áudio) pelo fato de que quando o Ministro da Fazenda veio com a proposta, a proposta que foi elaborada em conjunto com o Senado e a Câmara, prontamente eu concordei porque eu considero que nós temos de ter aqui uma política que eu chamo de estruturante, aquela política permanente com a qual os senhores, em vez de ficarem sobressaltados pelos percalços, ou sobressaltados diante do clima, ou sobressaltados diante das flutuações do mercado de cana internacional, nacional e do mercado de etanol, os senhores possam trabalhar com mais tranquilidade.

Sempre que for possível, podem ter certeza que o governo federal será parceiro dos senhores, será parceiro em todas as áreas e, sem sombra de dúvida, é importante que vocês tenham uma interlocução com o Ministério da Fazenda, o Ministério da Agricultura e, quando for o caso da Previdência, com o Ministério da Previdência. Nós também, lá na Presidência, estaremos sempre abertos para esse diálogo, seja com as lideranças dos

senhores – aqui nós temos líderes inequívocos – como também dos representantes, o que eu considero muito importante.

E, finalmente, eu queria dizer uma coisa. Eu teria de voltar para Brasília hoje. Aí me disseram: “Não, mas nós temos de ir a essa reunião porque é uma reunião muito importante”. Eu falei: mas não é do ponto de vista do que já foi concedido. O que já foi concedido, concedido está. O que eu vim hoje dizer para vocês é que não se trata, não se trata de agradecimentos porque vocês não precisam de agradecer algo que é, necessariamente, é quase assim... indubitavelmente algo que uma presidenta sensível tinha de fazer por um segmento deste país.

Mas eu queria falar... dar esse recado. Eu acredito que é muito importante que a gente olhe novas formas de inserção dos senhores, tanto na questão energética, mas também como fornecedores aqui porque nós vamos precisar de fazer silagem e armazenagem. Sem silagem e armazenagem nós não conseguiremos conviver com a seca no que se refere à segurança produtiva. E aí eu acho que os senhores terão um papel importante. É muito mais fácil fazer isso com produção local do que importando – os senhores hão de convir comigo – do Uruguai e da Argentina.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de comemoração do Cinquentenário da União Africana Adis Abeba-Etiópia, 25 de maio de 2013

Excelentíssimo senhor Hailemariam Desalegn, primeiro-ministro da Etiópia.

Excelentíssimas senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo dos países União Africana e dos países convidados.

Senhora Dlamini Zuma, presidente da Comissão da União Africana.

Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas.

Senhoras e senhores membros das delegações.

Senhoras e senhores,

É com emoção e honra que participo dessa histórica reunião em que se celebram os 50 anos da União Africana. Agradeço ao primeiro-ministro Hailemariam Desalegn, presidente da União Africana, a calorosa hospitalidade e o felicito pela liderança que vem demonstrando à frente da organização da União Africana.

Quero também expressar minha enorme satisfação ao ver uma mulher tão competente à frente da Comissão da União Africana, a senhora Dlamini Zuma.

Suas excelências, senhores chefes de Governo,

Hoje estamos reunidos na histórica Adis Abeba para celebrar meio século desse grandioso projeto que é a União Africana. Um projeto de integração, um projeto de solidariedade e um projeto de construção de um destino comum. Minha geração teve como uma de suas referências políticas centrais o movimento de descolonização da África que marcou de forma indelével a segunda metade do século passado. Os escritos e exemplos dos grandes líderes, dos pais fundadores da emancipação africana sempre estiveram presentes nas ações e nas reflexões dos que no Brasil e na América Latina

lutaram contra a opressão, pela democracia e por uma sociedade justa capaz de oferecer oportunidades iguais a seus filhos.

Quero, na pessoa do ex-presidente Kenneth Kaunda, aqui presente, homenagear aos que deram os primeiros passos nessa caminhada.

Quero também nesse momento prestar a minha homenagem, a homenagem do meu governo e do Brasil à grande Luiza Mahin, brasileira, africana nagô que foi escravizada no Brasil e lutou corajosamente na resistência à escravidão em meu país ajudando a construir a nossa liberdade. Registro aqui o reconhecimento do governo brasileiro a todas as heroínas que lutaram e lutam pela igualdade e pela dignidade humana no Brasil, na América Latina e na África.

Esta celebração aqui hoje tem significado maior neste momento em que as perspectivas de desenvolvimento econômico e social e de fortalecimento da democracia se tornam mais consistentes e promissoras em todo o continente africano e em todo o continente latino-americano.

Logramos nos últimos anos o Brasil, a América Latina e a África muitas conquistas. Mas temos muito o que trabalhar para atingir os níveis desejados de educação, de saúde, de alimentação, moradia e segurança para os nossos povos. Nós, que fomos oprimidos e colonizados temos um grande caminho pela frente, demos vários passos, mas como bem disse o querido Nelson Mandela e eu cito: “após escalar uma alta montanha descobrimos apenas que há muitas outras montanhas para escalar”. Por isso, por essa citação de Mandela na tarefa do desenvolvimento nós temos também grandes ativos. Os grandes ativos e os grandes recursos da África são decisivos para a África assim como os grandes recursos da América Latina são decisivos para nós, porque projetam o continente africano e o continente americano no futuro. Aqui na África suas altas taxas de crescimento econômico acima da média mundial, a urbanização acelerada por que passa a África, a juventude de sua população, as suas imensas riquezas naturais e a consolidação da democracia tem todas as condições para trazer um desenvolvimento com inclusão social cada vez maior.

Essa Cúpula tem como temas centrais o pan-africanismo e o renascimento africano. Essa Cúpula reconhece assim a magnífica diversidade deste continente como patrimônio a ser protegido, como soberania a ser defendida que complementa o ideal de unidade deste continente. Esta Cúpula valoriza a relação indissociável entre desenvolvimento, inclusão social, respeito ao meio ambiente, democracia e paz.

A saudável diversidade africana também é algo que temos na América do Sul. Com base nesta diversidade nós também avançamos na América Latina no processo de unidade entre as nações do nosso continente de forma similar aos êxitos que o processo de unificação africano foi capaz de revelar. Os avanços da União Africana assim como os da Unasul, a União das Nações Sul-Americanas, encerram um ensinamento fundamental, um ensinamento simples, mas fundamental. Quem deve resolver os problemas das nossas regiões somos nós mesmos respeitando sempre as diferenças que por ventura existam entre nós.

Eu queria saudar também a ASA, a reunião biregional da África e da América Latina feitas por nós e tão estratégica para o futuro dos nossos dois continentes. Somos nós os responsáveis por resolver os nossos problemas. Nós, que temos o conhecimento, a

perspectiva e a vontade política para superar os obstáculos que restrinjam nosso desenvolvimento, que avancem no sentido da melhoria de vida da nossa população e no sentido do amadurecimento da nossa democracia.

Senhoras e senhores,

O Brasil vê o continente africano como irmão e vizinho próximo. Temos semelhanças e afinidades profundas. Mais da metade dos quase 200 milhões de brasileiros se reconhece com afro-descendentes. E esta descendência é um dos veios mais ricos que conforma a nação brasileira. Temos muito orgulho das nossas raízes africanas. Sim, o povo africano está no cerne da construção da nossa nação e explica muito o que somos e tudo aquilo que nós temos certeza que nos tornaremos.

Nossos interesses comum são amplos, buscamos o verdadeiro envolvimento - nós, Brasil, América Latina e África. Desenvolvimento que exige combate à pobreza, que exige a promoção da inclusão da nossa população aos ganhos das riquezas dos nossos países, que exige educação de qualidade, que exige inovação, acesso à tecnologia e atenção à saúde dos nossos povos. Um desenvolvimento fundado no fortalecimento da nossa agricultura e da nossa indústria, no progresso científico e tecnológico, na expansão de nossas infraestruturas, em nossa segurança energética e alimentar e, sobretudo, também, na proteção do meio ambiente. Em suma, afirmando aquela propaganda da Rio+20, é possível, sim, crescer, incluir, conservar e proteger. É essa a definição de desenvolvimento sustentável que capaz de levar os nossos povos a uma nova era.

Nos últimos dez anos o Brasil dedicou-se com muito empenho a fortalecer as suas relações com a África. O governo brasileiro assumiu liderança essencial nesse processo, e hoje vemos com orgulho cada vez mais que as relações com o continente africano se pautam por genuíno interesse da sociedade civil brasileira e do setor privado. Nosso engajamento com a África é de longo prazo e tem um sentido estratégico. Reconhecemos não só o renascimento africano, mas também a importância estratégica que a África terá para a humanidade no século XXI.

Sempre persistirá nosso propósito de assegurar, de tornar disponíveis investimento, cooperação técnica e transferências tecnológicas, especialmente as sociais para apoiar o desenvolvimento dos países africanos na base da cooperação Sul-Sul que assegura avanços, e lucros mútuos para ambas as partes.

A África escreve hoje uma nova página de sua história e a escreve como uma narrativa africana sobre questões africanas. Um provérbio da África Ocidental que eu gosto muito diz o seguinte, eu vou citar: "Até que o leão tenha seu próprio narrador, o caçador sempre ficará com a parte mais gloriosa da história". Estou segura que já chegou a hora do leão africano escrever sua própria história assim como chegou a hora da onça brasileira escrever também sua própria história.

O Brasil quer compartilhar esse novo momento. Será um momento de paz, de liberdade, de inclusão social e de desenvolvimento, um momento de soberania. Tudo nos leva a isso. Os laços enraizados no passado comum, o entusiasmo com as realizações do presente e a visão de um futuro que podemos construir juntos.

Meus parabéns à África e a cada um dos governos e povos aqui representados.

Viva a União Africana, viva os povos da África, viva a América Latina. Muito obrigada.